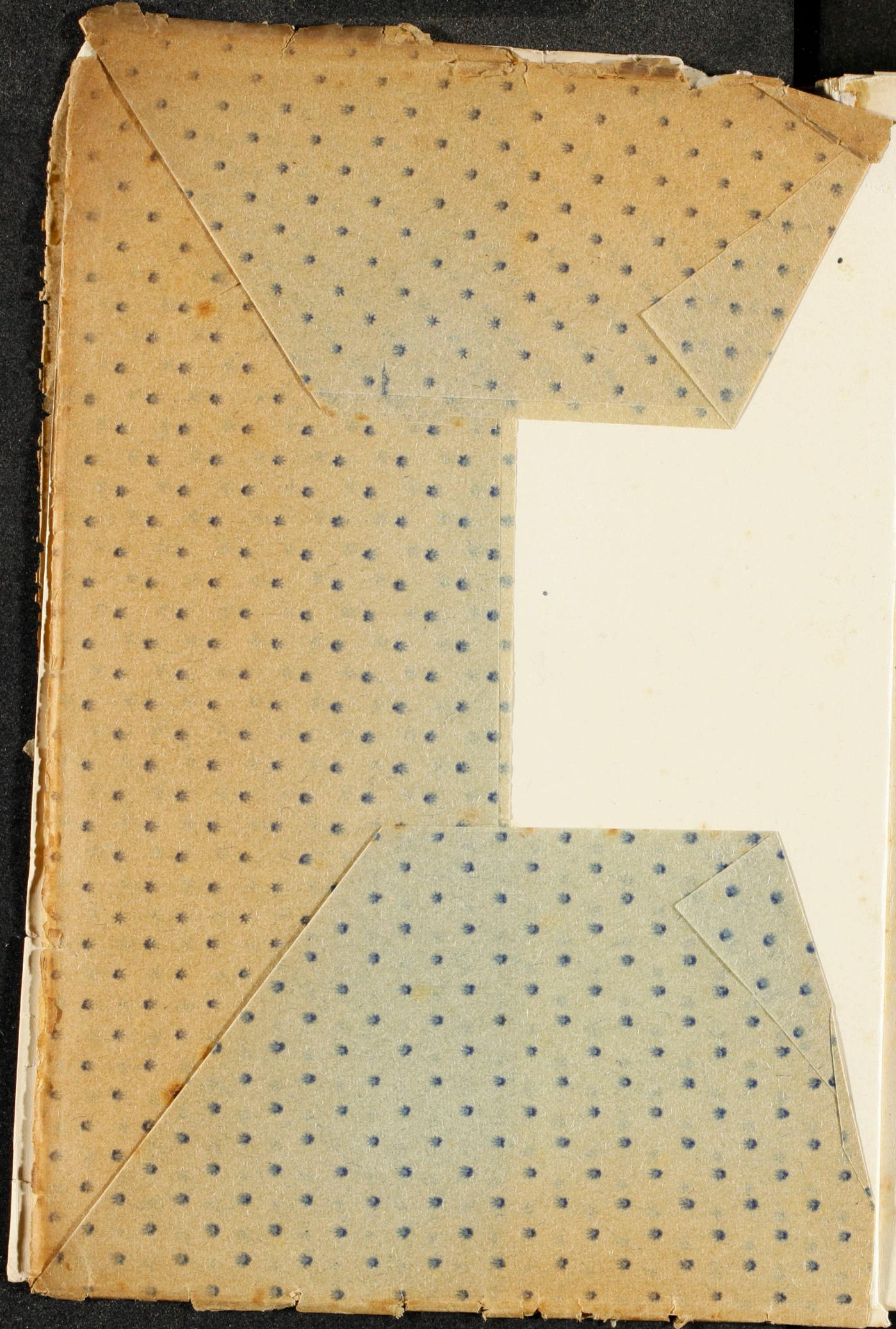


VERÃO

5



211

2110

95.

MARIO DE ANDRADE

A	I
f	78

# VERÃO



MARTINS FONTES

# VERÃO



Instituto D. Escholastica Rosa – SANTOS  
1917

1577

MA  
869.915  
F6835-0

Poemas Olympicos

Tu, q  
De te  
— E

Esse

Tu, q

Cons

— E,

Vives

## Parthenon

Tu, que padeces a amargura immensa  
De ter perdido as illusões da crença,  
— E que soffres, nas tuas agonias,  
Esse implacavel tedio de quem pensa;

Tu, que as aspirações dos nossos dias  
Consideras ephemerass e frias,  
— E, na desesperança mais completa,  
Vives de evocações e nostalgias:

Homem moderno, em tua dor secreta,  
Sem que possas domar tu'alma inquieta,  
Para consolo dessa magua insana,  
Busca um refugio no teu sonho, Poeta.

Foge da gloria, futil e profana,  
Que, mundanaria, te perverte e engana :  
E, no silencio do ideal, procura  
Pairar acima da torpeza humana.

Vê que a tu'alma, tua essencia impura,  
Nesta religião se transfigura!  
E que, apesar do tempo e do destino,  
A Arte sómente, intrepida, perdura !

Na paz amavel em que te imagino,  
Cumprindo o officio de um beneditino,  
Sê, duplamente, artista e cavalleiro,  
Mixto de sacerdote e paladino.

V  
L  
a  
W  
do

Quero que sintas, como bom pedreiro,  
 Como um pobre operario verdadeiro,  
 Ao levatares, pedra a pedra, um poema,  
 As mãos honestas de um illustre obreiro.

E que, sangrando ao peso desta algema,  
 Talhado o bloco da visão suprema,  
 Tenhas, por mais que o metro se comprima,  
 Os exaggeros da minucia extrema.

Realça os contornos, aprimora e lima:  
 E a palavra, sem par, da tua estima,  
 Engasta em ouro, como um lapidario,  
 Watteau do verso, Becerril da rima. (1)

Quero que a estrophe, como um relicario,  
 Tenha aquelle primor extraordinario  
 De Fray Juan de Segovia, rendilhando  
 O relevo de prata de um sacrario. (2)

(1) Já' sobre o mesmo assunto, Bilac  
 invocava Becerril. Aqui' e' manifesta  
 a recordação do grande poeta.

(2) Quero que a estrofe cristalina  
 do <sup>devidada ao gesto</sup> versos, seja da afiada  
 sem um defeito Bilac

Assim, de modo delicado e brando,  
Mostra, sobre os esmaltes desenhando,  
— E mantendo a leveza em cada friso,  
Titans em marcha ou satyros em bando.

Para isso é mister que o traço inciso  
Seja, tão firme e forte, e tão preciso,  
Que, por mais tenue, possa dar a ideia  
Da expressão de um olhar ou de um sorriso.

Resuma embora o assumpto uma epopeia,  
Tenha as grandiloquencias da Odysseia,  
Seja um frontão de jonico decôro,  
O cortejo das nymphas em choreia ;

Guerras, victorias, multidões em côro,  
Troia em chammas, no horrendo fervedouro,  
Seja a scena qual fôr, — ampla e solenne,  
Pinta-a no punho de uma adaga de ouro.

(1) A  
o ne  
perro

Como Cellini, com o lavor perenne  
De Calamis, de Phidias e Alcamene,  
Faze da penna teu buril agudo,  
— Burila a estatua da marmorea Athene! —

Verifica, depois de longo estudo,  
Que o pensamento esplende, sobretudo,  
Si irradia num verso palpitante,  
Que o immortaliza, — porque o verso é tudo!

Sobrio, no estylo terso, a todo instante,  
Conserva uma justeza tão constante,  
Que, entretecida, a phrase seja um fio  
Numa trama de seda do Levante.

Sê puro, claro, simples, correntio  
Como translucido e sonoro rio,  
Que, revolvendo os seixos e o cascalho,  
Brilha espelhando o fundo luzidio;

*(1) A estrofe encerra uma contradicção. Si  
o verso é tudo, para que se conter um  
pensamento parte?... —*

Como a flor que desponta sobre o galho,  
 Ao lento e leve e languido farfalho  
 Da humilde planta, que a tornou tão bella,  
 Sem demonstrar o minimo trabalho.

Molda os teus versos pelos moldes della,  
 Que a harmonia das petalas cinzela,  
 Mas cujo esforço, pertinaz, de artista,  
 Aos nossos olhos nunca se revela.

Que assim a rima, inedita, imprevista,  
 Fulja tão natural á nossa vista,  
 Que no verso rebrilhe facetada,  
 Porém não mostre em que o labor consista. (U)

Sê como a Natureza incontentada,  
 Que, em ascensões, do nada para o nada,  
 Em perpetuos ensaios se transforma,  
 Para alcançar a imagem desejada.

*Não sei si o soneto "A um poeta" de Bilal é anterior  
 ou posterior a esta poesia. Sei que, na intima camaradagem  
 destes dois poetas, naturalmente um deve de conhecer a  
 obra do outro. Já a ocorrência de chamarem ambos a si  
 o poeta de beneditino é mais do que uma prova. A compa-  
 ração originalíssima e esplêndida não depararia occasional-  
 mente a dois poetas, ainda que extremados idolatras da Forma.  
 Dig Bilal « longe do estéril turbilhão da rua, Beneditino escre-  
 ve » e ainda, ressumindo a quadra de Martin Fontes:*

Obedece aos caprichos desta norma :  
 Rasga, refunde, impavido reforma,  
 Si, em teu orgulho, tu sómente vives  
 Para a suprema inspiração da Fórma!

Sobe pelos caminhos mais acclives,  
 — E de tantas agruras não te prives,  
 Para que, eternamente insatisfeito,  
 Sejas artista, mas artista ourives!

Surja sempre o teu verso tão perfeito,  
 Com tal finura, de tal modo feito,  
 Que tenha a limpidez adamantina,  
 Sem ter a jaça do menor defeito.

E si, afinal, á perfeição divina,  
 Dentro da tua hellenica officina,  
 Conseguires chegar, como supponho,  
 — Porque ella apenas é que te fascina,

*O tempo o ourives quando escreves Bilac*

*— Mas que na forma se dispersa o emprego do esforço  
 e ainda  
 — Não se mostra na fábrica o suplício do mestre*

Deixa o presente misero e tristonho,  
 E entra no Parthenon<sup>(1)</sup>, calmo e risonho!  
 Pois este é o premio com que te contemplo:  
 — Viverás no delubro<sup>(2)</sup> do teu sonho!

Templo de todos os Artistas! Templo  
 Sem rival, sem igual e sem exemplo,  
 Que, em frente ao sol, na acropole de Athenas,  
 Majestatico, em extasis, contemplo!

Depois de tantas, tão amargas penas,  
 Já que á sombra do claustro te condemnas,  
 Aprende a amar, nos mestres do passado,  
 O culto heroico das paixões serenas.

E, celebrando o teu apostolado,  
 Entôa aos Deuses, com fervor sagrado,  
 Deante da perfeição e da grandeza,  
 O teu hymno de amor e de exilado:<sup>(3)</sup>

(1) É Partenão ou Partenon que se diz

(2) Templo paixão

(3) Um verso bastante imperfeito. Não há a relati-  
 vidade necessaria entre amar e exilado. Seria melhor  
 então dizer «o teu hymno de amante e de exilado» ou

— Á Arte na sua esplendida pureza!  
 Symbolo incomparavel da belleza  
 Deslumbradora, mas indefinida!  
 Á Arte mais bella do que a Natureza!

Á Arte acima do Amor, que é a propria vida!

*«O sentimento de amor e de exilio» que não daria  
 no metrô».*

*Esta poesia não é mais que o descontrolado e  
 febril e extemporâneo dos famosos e torula-  
 dos da "Profecia de fé" de Bilac. Aliás, o que ma-  
 cula principalmente este livro é essa, talvez  
 inconscientemente, mania de imitar o grandíssimo poeta.  
 As recordações, principalmente oracionais, não lesão.*

*No pg 14 ha duas vezes contemplo em rimas.  
 Si em emplo não existem quatro rimas o a-  
 denera não a valorar, pois não quer elle para  
 o verso si a faga do menor defeito».*

## Apollo

Amo-te e sonho: para a gloria da Arte,  
Unindo á mocidade a formosura,  
A tua estatua esplende na postura  
Impassivel e classica de Marte.

A força e a graça animam-te a figura!  
E, realçando no todo cada parte,  
Tal expressão o genio soube dar-te,  
Que o proprio ideal no marmore fulgura!

Ouço da Grecia os ultimos adeuses...  
Os sons das harpas lyricas de Eolo,  
As estrophes dos homens e dos Deuses!

E, entre Poetas e Heroes, de lyra ao collo,  
Engrinaldada a fronte, ao sol de Eleusis,  
Canto a impeccavel plastica de Apollo!

## Anadyomene

Nua, de pé, na concha nacarina,  
Abrindo os olhos, aclarando os ares,  
Radiosamente dominando os mares,  
Surge da espuma a perola divina!

Do aureo fulgor dos porticos solares,  
Éos seu corpo esplendido illumina!  
— E a agua de Kypre beija-lhe, em surdina,  
A pureza das curvas modelares!

Arias sagradas soam de tal forma,  
Que a melodia dos equoreos threnos  
No concerto dos Deuses se transforma!

E Zeus consagra, em canticos serenos,  
A beleza symbolica da Fórma,  
Na perfeição olympica de Venus!

## Orpheu

Na Thracia antiga, á margem da corrente  
Do Hebro, á sombra dos platanos, outr'ora,  
Orpheu, na adolescencia, á luz da aurora,  
Flebil, feria a cithara fremente. (1)

E á sua voz, que as cousas enamora,  
Toda a selva acordava de repente...

—E, apaixonada, a musica dolente

Ia por valles e rechans a fóra.

(1) Aqui o A queria provavelmente uma onomatopéia com fl e um -se para isso abrigado a colocar aquê flébil que mais parece referir-se a Orfeu que a cítara.

Vinham ouvil-o, dos <sup>(1)</sup>sombraes furtivos,  
As amorosas Menades em bando  
E os semicaproz Egipans lascivos.

— E a Grecia heroica palpitava, quando  
Se escutavam os mythos redivivos,  
Nos hexametros orphicos cantando.

(1) Lugar aom lorio. Aluzgado do Sol por latada e ou  
arrvado.

ma-  
do a  
ir-22

## Hephaistos

Tu, grande Artista, numa lucta insana,  
Cumprindo esta missão ardua e modesta,  
Não despresavas a mais leve aresta,  
Nos rendilhados de uma filigrana.

Longe do Olympo luminoso e em festa,  
Numa, de Lemnos, misera choupana,  
Cinzelavas os cintos de Ariana  
E as pulseiras de Venus e de Vesta.

Ó Deus ourives! Mestre do meu sonho!  
Tendo o teu culto na mais nobre estima,  
Quando burilo a phrase que componho,

Como tu, modelando uma obra prima,  
Penso que, num collar de estrophes, ponho  
No ouro do verso a perola da rima! (1)

(1) O ouro do verso engasta a rima,  
como um rubim de Bilau

## Dionysos

Evohé! Saboé! Bacché! Vindima!  
Por Semele e Zagreus! E a turba entoa  
O hymno outomnal das arvores, a loa  
Da uva purpurea e da semente opima.

De pampinosa e flórida coroa,  
Sileno, a rir, ebrio e desnudo, em cima  
De um asno, entre capripedes, anima  
O carnaval! A gargalhada echoa!

Crotalos, buzios, tympanos, badalos,  
Sistros resoam! — E, no plaustro de ouro,  
Tirado por pantheras e cavallos, (2)

Glabro, <sup>(1)</sup>chorudo, rubicundo e louro,  
Baccho apparece, suspendendo um phallus,  
Ao som dos euges triumphaes em côro!

(1) Gordo.

(2) Estas pantheras e estes cavallos tirando juntamente um carro são diuina e elegantemente artísticos! Este soneto é, todavia, o millior que até agora appareceu.

## Pan

Place à Tout! Je suis Pan ; Jupiter! à genoux.

HUGO

Syrinx, um dia, numa fragil planta  
Se muda. E Pan que, ansioso, a perseguia,  
Faz desse calamo uma flauta esguia,  
E, ao luar da Arcadia, entre os loureiros, canta.

Na pastoral de magica harmonia,  
Ha taes mysterios, a belleza é tanta,  
Que o bosque inteiro, em côro, se levanta,  
Repetindo essa musica sombria.

Pan reproduz a criação dos mundos!  
Na sua voz sorriem primaveras  
E soluçam os ventos iracundos!

Nella se escuta o carrilhão das eras!  
Ouvem-se os orgams que, nos céos profundos,  
Cantam a symphonia das espheras!

## Segundo Prodicos de Céos

Indo á caça Odysseus, uma vez, pela estrada  
De Delphos, encontrou, perto de uma das ruas  
Do bosque, entre os vergeis da montanha sagrada,  
Duas virgens em flor, amorosas e nuas...

E ambas, vendo Odysseus, que contemplava as suas  
Nudezes, sem saber qual a mais desejada,  
Lhe disseram sorrindo: "Escolhe entre nós duas,  
Para o teu doce amor, aquella que te agrada..."

E elle: "Si sois iguaes, meu ideal não permite  
Que haja escolha entre vós. . . Amemo-nos, portanto,  
Os tres. . ." (Assim responde a este fino convite). (1)

Nisto, os corpos num só se fundiram, enquanto  
O subtil Odysseus viu surgir Aphrodite,  
Nua, em todo o esplendor do seu supremo encanto!

(1) Não havia necessidade de este parentese.  
já no começo do terceiro esty o A: «E ele...»  
que aclara perfeitamente o dialogo.

## Babylonia

Flava, ao sol do Senaar, Babylonia irradia!  
No ar doirado, cruzando os clarões amarelos,  
Do Palacio Oriental e do Templo de Belus,  
Relumbram os torreões de ouro e de pedraria.

Monumental, a arder no resplendor do dia,  
Espelhada nos seus dez canaes parallellos,  
Coberta de jardins, cercada de castellos,  
A cidadē repousa em plena calmaria.

(1) B  
lu  
(2) y  
ro  
des  
ali  
ni  
rã  
De  
(3) B

É á sésta, á hora estival em que o calor abate.

E, á sombra dos athlehs dos seus parques pendentes,

Dorme, lubrica e nua, a colomba<sup>(1)</sup> do Euphrate.<sup>(3)</sup>

Dorme. E em sonho entreabrindo os labios sorridentes,

— Como um fio de luar numa rosa escarlata,

Mostra o claro collar de perolas dos dentes.<sup>(2)</sup>

*Que eu saiba, não existe esta palavra na  
língua.*

*(2) Yato de dentes de pérolas é anterior aos próprios  
românticos. Breio que até Salomão já usava  
descantou, para a Sellaomita. Não sei se o  
dizre, mas naturalmente te-lo teria dito; e,  
se não dizre, foi algum dos seus contemporâ-  
neos o que primeiro fez a comparação...  
Desde que haja bons dentes... e belas pérolas.*

*(3) Não é' Euphrates com esse, em português?*

## Athenas

Em Eleusis, um dia, á aurea luz meridiana,  
 Phrynéa, desprendendo o alvo peplum pendente,<sup>(1)</sup>  
 Deante da multidão de Athenas, de repente,  
 Despiu-se,— e entrou no mar, como uma deusa humana!

Houve um clamor triumphal, um espanto fremente!  
 — E enquanto a agua, a beijal-a, os flocos espadana,  
 Ante a consagração da belleza profana,  
 Sorrindo, ella emergiu, nua completamente!

(1) Não sei o que achou de bello o A. nesse  
 ph que não acaba mais. Naturalmente  
 é alguma onomatopeia, querendo o poeta  
 grafar a exploração da admiracão da popula-  
 ção. Eu tambem sei fazer onomatopéas.

Ale  
 fra  
 me  
 noz  
 20

E ao ver o povo grego a Cypria Mnezarete,  
Rorejante, surgir do seio de Amphitrite,  
Bella, em toda a nudez que seduz e promette,

Esquecendo a mulher que deslumbra e permite,  
Glorificou, sonhando, a fôrma que reflecte,  
No marmore da carne, o esplendor de Aphrodite!

Alem das rimas em ete e ite dos tercetos,  
fa, a prefe deira-tor, uma porção de  
verbos que ai entram para encher as  
doze sílabas. Assim o « que seduz e promette »  
e o « que deslumbra e permite ».

es  
u-  
ta  
ula-

## A Venus de Paris

Na Venus de Paris, nessa linda figura  
De atheniense moderna e virgem florentina,  
A Arte symbolizou a impecavel finura  
Do espirito francês, — flor da raça latina.

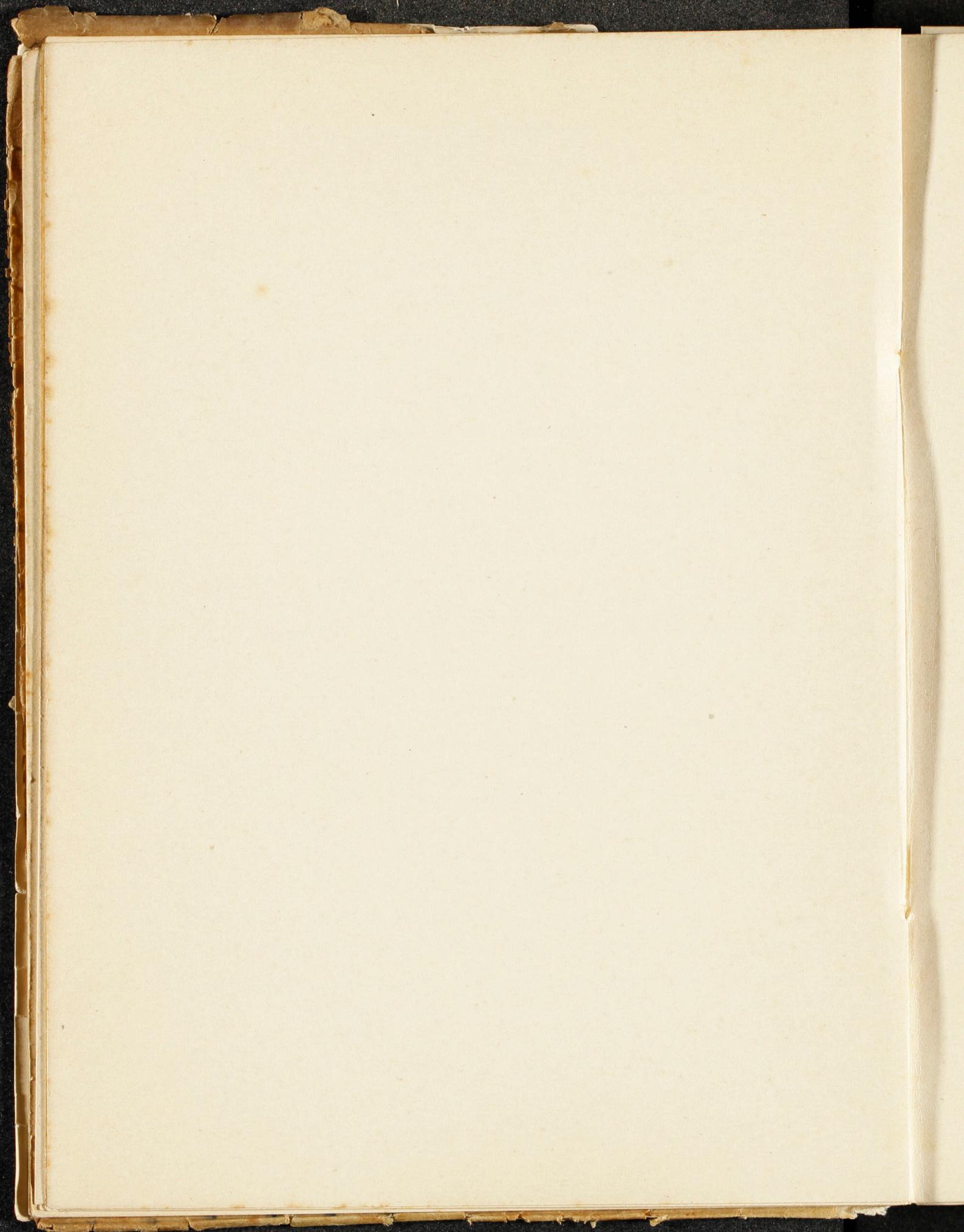
Primor! A estatua vive! Animando a esculptura,  
Sente-se palpitar a nudez feminina!  
— E si, na fôrma ideal, a perfeição fulgura,  
Mais subtil que a belleza, a graça predomina!

F  
fe  
ma  
fe  
fo  
de  
nu  
no  
co  
Da  
ali  
gar  
qu  
fa  
e  
fe  
al  
me

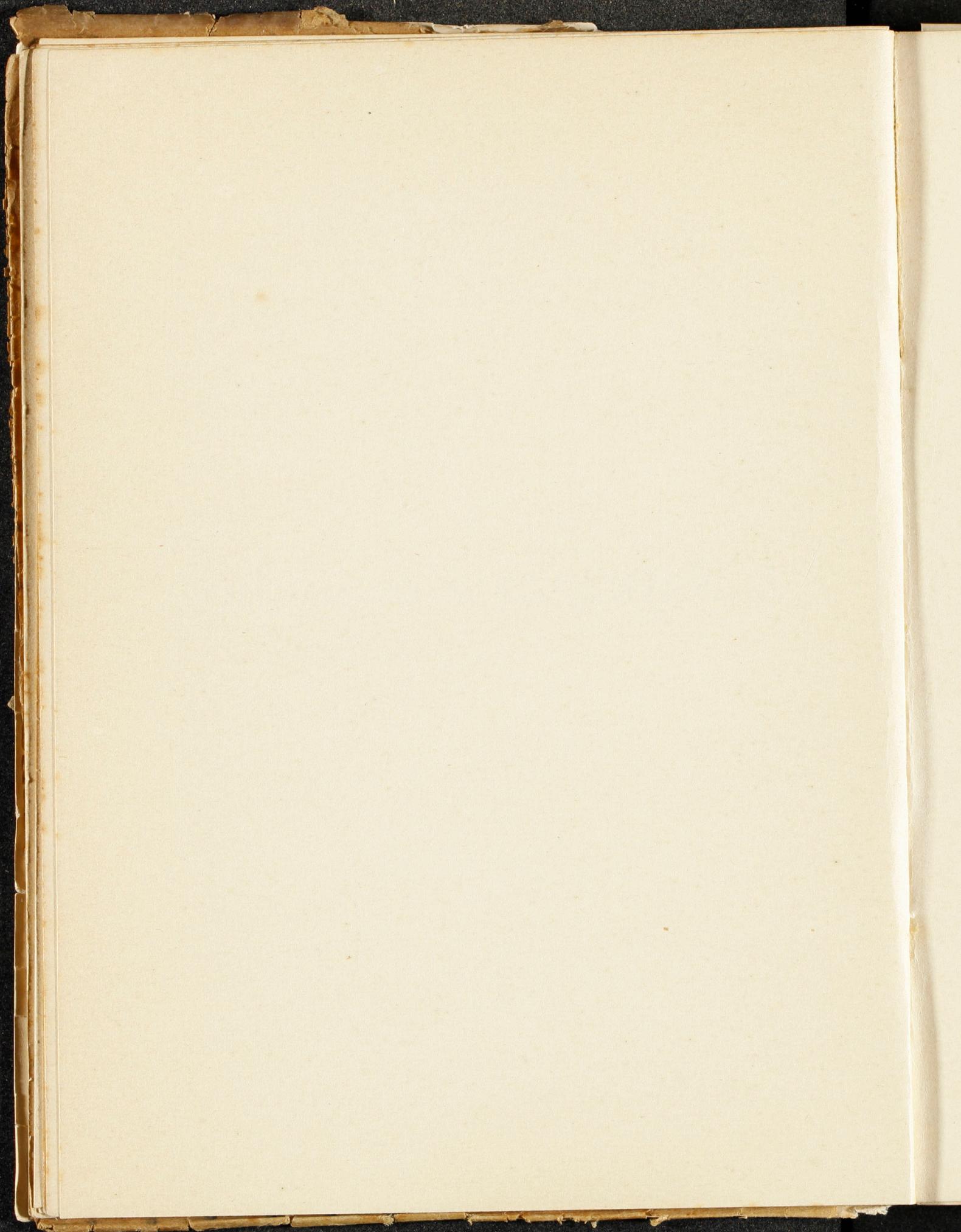
Desenhando o quadril, que a elegancia tortura,  
 Ha, nessa flor de lis, tão fragil e tão fina,  
 Uma linha imprevista á curva da cintura...

E, Eva do inferno humano, ella se denomina,  
 De tal modo sorri com malicia e doçura,  
 A Satania-Gioconda, a Venus-Colombina.

Fica-se a admirar como estes sonetos são bem feitos... Mas apenas bem feitos e mais nada. Não será isto propriamente a inspiração, condição fundamental de toda poesia. Ha uma harmonia de harmonias e de ritmos, terminando ao final de cada estrofe: mas esses ritmos e essas harmonias não ecoam longamente no centro e nos ouvidos, não sugerem, não aguçam, não comovem. Há a marca da arte divina. Os defeitos que examinei nessas linhas, são, sem dúvida, devidos a um vício ferrenhissimo no julgamento. Realmente sou mais piedoso e cordato. Apenas quis mostrar que o poeta (ou acadêmico aliás pelas facções literárias a que se ligou) apesar de clamar e desejar (com ardentissimo no "Partitio") a perfeição, e os exageros da mimia extrema, não alcançou na forma essa perfeição invocada e, muito menos, causou de um exagero de mimia extrema.



A Natureza e o Sonho



## Crepusculo

Alada, corta o espaço uma estrella cadente.  
As folhas fremem. Sopra o vento. A sombra avança.  
Paira no ar um languor de mystica esperança  
E de doçura triste, inexprimivelmente.

Á surdina da luz irrompe, de repente,  
O côro vespéral das cigarras. E mansa,  
E marmorea, no céu curvo e claro, balança,  
Entre nuvens de opala, a concha do crescente.

Na alma, como na terra, a noite nasce. <sup>(1)</sup> É quando,  
Da recondita paz das horas esquecidas,  
Vão, ao luar da saudade, os sonhos acordando...

E, na torre do peito, em placidas batidas,  
Melancolicamente, o coração chorando,  
Plange o requiem de amor das illusões perdidas.

*(1) Vão-se as ultimas auras. Anaitete.*

*« O sino cala-se. A noite na alma... »*

*Hector Lima*

*Primeiros Poemas pg 143,*

*« Il pleure dans mon cœur*

*« Comme il pleurt sur la ville. »*

*Verlaine,*

*« Cai neve na natureza*

*« — e cai no meu coração »*

*Augusto Gil*

*Avanço de Janeiro pg 27.*

*(2) ...  
...  
do  
qu  
tra*

## Na Floresta da Agua Negra

A Valdomiro e Agenor Silveira

### I

É á hora <sup>(1)</sup> intensa do sol na terra americana.

Dentro do coração do Brasil. Na floresta.

Á sombra secular da selva soberana.

Nos éstos do verão. Sob o torpor da sésta. (2)

Queda immoto o arredor na adustão da soalheira.

O ar, oleoso, referve. Immoavel tudo. Espasmo.

Apathica, em plethora, a natureza inteira, (inutil, ai não para a rima)

Morre na mornidão de um morbido marasmo. (verso colossal, sublime)

(1) O A. começa o seu poema com um defeito inadmissivel num beneditino da Forma.  
 (2) Mindear os defeitos desta quadra para um poema acabar. Repetições pastorais: « hora intensa do sol », « sotto do verão », « torpor da sésta »; « na floresta » é pois lógico que se cita « a sombra da selva ». A frequência das frases curtas.

1) Luteo. C. P. não consigna a palavra. Luteolina substância corante da resida amarela.  
2) O A. espanta o leitor com uma lingua nova, que este, infelis, não conhece. Há manifesta intenção de epater. Na

42

Verão

derivação das labaredas ha simplesmente Tolue. Flavas, falnes, gualdos e fulvescentes vem a dar quasi ao mesmo, principalmente os tres primeiros qualificativos.

A luz, vividamente, espadanando lavas,  
Em luteos <sup>(1) fogacho</sup> lumaréos e vibrações <sup>ardentes</sup> urentes,  
Ampli-ondeante desfralda as labaredas flavas,  
Jalnes, rufas, de tons gualdos e fulvescentes.<sup>(2)</sup>

Sob o vulcão do sol a mata resplandece,  
Nimbada por um halo incandescente e louro.  
A estampa de metal da paisagem parece  
Uma esmeralda a arder dentro de um aro de ouro.

O verde é multieôr! tem cambiantes diversas!  
E essas colorações, em conjuncto indistinctas,  
Vêm, desde o verde-escuro ao verde-crê das versas,<sup>(3)</sup>  
Variando, na unidade, a gradação das tintas.

O solo de alluvião, resequido e gretado,  
De torrida aridez, requeima, escalda, abrasa.  
Na extrema quietação do plaino illimitado,  
Não se escuta siquer o tatar de uma asa.

3) Não saberei dizer em que sentido novo emprega o A. a palavra versa. Além de galicismo, significa estado das nevas a camadas pela chuva ou obstruente.

(1) a  
a  
re  
m  
gu  
su  
ga

u. Estão.  
este, in-  
ter. Na  
falares,  
meu,

Cobre a concha do céu, de um anil fundo e forte,  
Essa paradoxal planura desmedida.  
E a floresta aparenta a placidez da morte,  
Verde, virgem, vivaz, na volúpia da vida! (1)

É o momento infernal dos maiores calores.  
Canicula. Oppressão. A atmosphaera asphyxia.  
Do proprio suor, no ar secco, aspiram-se os vapores.  
Tombam tontas de febre as aves. Calmaria.

O homem, sem esperança, humildemente implora  
A protecção do céu, aniquilado deante  
Da energia nutriz, do prodigio da flora,  
E da fauna, sem par, da terra exuberante!

II

Porém, inesperado, ondulando no espaço,  
Igneo, perpassa no ar o sopro do bochorno.  
E a impressão que produz esse bafo, ao mormaço,  
É a mesma que se tem do rescaldo de um forno.

A. a  
rearras

(1) Um lindo verso. Há uma onomatopeia acur dividida...  
A gente não percebe muito bem a intenção de queles  
versos, mas, não há dúvida impressiona bem, euforia -  
má. Esta primeira parte do poema é magnífica. Como  
que se sente o luz e o amarelo desvairado e o calor  
sufocante e a onomatopéia do amarelo na escultura gi-  
gantesca destes versos.

A bafagem augmenta: é o sudeste que avança:  
Zune, zimbra, sibila, entre assobios uiva...

① E enquanto, farfalhando, as ramagens balança,  
Ergue do chão de grês uma poeirada ruiva.

O vendaval sacode, e recurva, e supplanta,  
E vergasta! A floresta agita-se, acordando...  
E ao seu furor se oppõe, vibrando em cada planta,  
Desgrenhada, de pé, colerica, luctando!

Subito, ouvem-se além clangores de bombardas;  
Torna-se cardeo<sup>(1)</sup> o céu; a amplidão se recobre  
De nuvens colossaes, prenes, plumbeas e pardas,  
De faixas côr de chumbo e nimbos côr de cobre.

Então, em pleno dia, em pleno sol ardente,  
O corisco serpeia, estraleja e rechina...  
Apaga-se e reluz inopinadamente,  
E fulvido e fugaz phosphorece e fulmina!

(1) Como cardão, quer dizer o que tem cor de azul-moláceo,  
da cor da flor do cardo.

Escuta-se, á distancia, em continuo crescendo,  
Surdo, soturno e rouco, horrendamente echoando,  
Um rodar, um rolar de carrilhões plangendo,  
De mil portas de bronze ao bater resonando!

A trovoada parece, á luz calida e crua,  
O tropel dos titans, um trepidar de tropas!  
—E o diluvio da chuva, ao longe, desagúa,  
Ruflando o rataplan das bategas nas copas.

Venta e relampadeja. A tempestade ruge!  
E, á medida que investe, estouraz e ferrenha,  
Aos rancos estertora, explode, estronda, estruge!  
—E grossa, torrencial, a chuva se despenha.

Cáe. Abranda o calor do solo e da floresta.  
Dá de beber.<sup>(1)</sup> Mitiga a quentura implacavel.  
A alegria da vida enfim se manifesta:  
Tudo canta e sorri de um modo inenarravel.

moláces,

(1) 2º sublime.

Passam, grasnando no ar, periquitos em bando,  
 Num ridente rascar sobre as aguas revoltas,  
 Como uma frança que se fôsse desfolhando,  
 E esparzindo em redor as verdes folhas soltas...

Na harmonia do bosque ha sons indefinidos:  
 Amiude ouvem-se perto alguns rumores suaves:  
 Crebros murmurios, repetidos estalidos,<sup>(1)</sup>  
 —O barulho orchestral das aguas e das aves.

Logo depois que cessa o raivar da refrega,  
 Polvilhando os moitães de lódams e peuvas,  
 Rorejante, lenteja uma fina bruega,  
 Resumbra, ainda algum tempo, o gottejar das chuvas.

Por brejaes e marneis, regatos e ribeiros,<sup>(2)</sup>  
 A onda do temporal acachoa e sussurra.  
 Revolvendo, <sup>Tornar ludro, oufo</sup> enludrando, encharcando os lameiros,  
 A flux a agua borbota e aos gorgolhões enxurra.

(1) O A. já se não encomoda muito, e faz bem, como a cesura dos alexandrinos. Surge na sua maior variedade e força o verso de doze sílabas, rechaçando o alexandrino monótono. Todavia não se poderá dizer que o poeta aiga a sua proficiãd de fe' que malte a absoluta perfeicão era forma, com p e f versais.  
 (2) Brejal nem a dar os mesmos que marmel, regatos no mesmo que ribeiros... Não é repetiçã e não criada.

Alvas, no claro-escuro, entre arvores, ao fogo  
 Das clareiras, fundindo innumeraveis riachos,  
 Jorram em borbulhão e unisono regougo,  
 Cachoeiras em cachões de espumantes pennachos.

A agua, em largos lençóis, se alonga, alastra, alaga...<sup>(1)</sup>  
 E a corrente caudal de crespos flocos brancos,  
 Redemoinha e transborda e vai, de vaga em vaga,  
 Enchendo boqueirões, cavalgando barrancos.

Em cataractas desce, em catadupas corre:  
 Leva na correnteza a gluma,<sup>(2)</sup> o tronco, a espatha...  
 No seu curso veloz a ravina<sup>(3)</sup> percorre,  
 E, finalmente, chega aos arcanos da mata.

Ahi, no somno estival, preta, putrida, estanque,  
 Largamente estendendo as margens lutulentas,  
 Dorme, ao sol do equador, como um immenso tanque,  
 A agua negra e lethal das febres pestilentas.

(1) Alastrar ai e' pronomi nel, presumpçoe o se. Alaga nada e' e nada tem o se elliptico. Ha confusao manifesta e defectuosa.

(2) Gualivro da flor das gramineas, a que se me de calice e corola.  
 (3) Torrente de agua pluvial que se precipita de lugar elevado; lugar lavado por uma torrente.

come a  
 r varie  
 ando o  
 di dixer  
 al tice  
 errais  
 regalar  
 nada.

Decomposta ao calor, podre e procreadora,  
 Em ardencias vitaes a agua immunda borbulha:  
 Tabida e germinal, como si acaso fôra  
 Um tenebroso espelho, uma planicie de ulha.<sup>(2)</sup>

Morta e sinistra assim, no seu seio fecundo  
 Fervilhando em vibriões, mephitica e funesta,  
 Ella é que dessedenta, alimenta esse mundo,  
 Dá-lhe viço e frescor, — porque é a Mãe da floresta!

## III

Já, do incendio do occaso, as chammas derradeiras  
 Barram de ouro e de rosa os curvos horisontes.  
 Desce o carro do sol por traz das cordilheiras,  
 Da corcova lombar das serras e dos montes.

A tarde é de crystal: curta,<sup>(1)</sup> clara e calmosa:

(E é tão profunda a paz crepuscular na selva,  
 Que, em verdade, se sente a impressão mysteriosa  
 De ouvir brotar o mato e ver crescer a relva...

*1) Não poderia ser a Tarde curta, está-se nos montes do verão» diz o poeta e nessa época as tardes são longas.*

*2) Um grande defeito das suas repetições de ideas e de qualificativos é redizer e redizer a mesma coisa, alongando o seu demania e prejudicando o interesse. Na quadra diz elle da agua: «podre e procreadora», «tabida e germinal». Ora tabida e podre são a mesma coisa, como procreadora e germinal não a*

A cigarra estridúla. E Vesper irradia.  
 Frouxos, franjando o céo, fulgem filões de prata...  
 E emquanto, a pouco e pouco, empallidece o dia,  
 Desponta a lua cheia illuminando a mata.

O clarão sideral, nos rasgões do folhedo,  
 Entra, ás vezes, filtrando uma restea argentina,  
 Como se penetrasse o aranhól do arvoredó,  
 Longo e alvo, um claymor? de lamina opalina.

As palmeiras gentis,<sup>(1)</sup> sobre as balseiras brunas,  
 Entre os jiquitibás alvadias<sup>(2)</sup> e calmas,  
 Desenhám-se no luar como esbeltas columnas,  
 Lentamente embalando os flabellos de palmas.

A mãi-da-noite canta. E outra voz lhe responde,  
 No concerto nocturno, apaixonada e cauta.

E em breve, em cada ninho, occulto em cada fronde,  
 Ha serenas canções bucolicas de flauta.

(1) Então existem alguma palmeiras gentis para um poeta que usa e abusa um vocabulário oneroso? E' desusado sem razão o lugar comum.

(2) Alvadias porquê? Ah! por causa do luar. Resulta

dar aqui exactamente ao mesmo

Misturam-se na brisa, embalsamando o ambiente,  
 As evaporações dos jasmims e mimosas,  
 Das baunilhas em flor, do cacau redolente,  
 Da cannela odorante e das ervas cheirosas.

Nos selvagens vergeis de sapidos aromas,  
 Sentem-se, pelo olfacto, o queimor da pimenta,  
 A essencia do ananás, os travores das gommas,  
 E a acidez tropical da manga sumarenta.

Tão grande é a exalação que desprendem os cardos,  
 São de mil florações, mil fructos, mil corbelhas,  
 Que esse fluido sensual inebria os moscardos,  
 Que esse iman trescalante entontece as abelhas.

Crespa, a vegetação é tão <sup>1</sup> ampla e tão <sup>2</sup> densa,  
<sup>3</sup> Irregular, <sup>4</sup> cerrada, <sup>5</sup> intrincada e <sup>6</sup> disforme,  
 Que se <sup>1</sup> enrosca, <sup>2</sup> entrelaça, <sup>3</sup> emmaranha e <sup>4</sup> condensa, <sup>(1)</sup>

Formando paredões de uma espessura enorme!

(1) Paraventura, o p. tenha querido demonstrar a opulência  
 do seu vocabulário, com este fluxo de verbos e qualifica-  
 tivos que não acabam mais. Mais não é e será sempre  
 um defeito; O melhor modo de ser rico, é não dar a  
 parecer que se o é.

Caules descommunaes, hartos cernes robustos,  
 Por filipendulas, tilandsias, enrediças,  
 Por flexiles cipós e fragiles arbustos,  
 Trançam-se entretecendo as tramas inteiriças!

E nesta confusão de multiplos perianthos,  
 Milhões de vegetaes de fórmãs infinitas,  
 De gynandrias, cecens, bromelias e cyclantos,  
 Em redouças arcuaes pendem as parasitas!

E do fofo tapiz, das plumas e dos fetos  
 Que recamam o solo, erguem-se, em borborinho,  
 O Zumbidos e zum-zuns de invisiveis insectos,  
 Chios, cicios, sons de cochichos, baixinho... (1)

O luar dentro da selva amedronta e deslumbra!  
 Por vezes, no interior das brenhas, nos refolhos  
 Das sebes, como dois topasios na penumbra,  
 Phosphoreja, citrino, o fagulhar de uns olhos...

(1) Estas duas páginas são sublimes. A Transição brusca das asperzas para as suavidades é extraordinária, mostrando o quanto pode a nossa lingua, manufada por mãos brônhas. Os versos são magníficos, vivos, coloridos — aliás como em todas a poesia; e mostram-se menos redundantes e empalados, com qualificação mais comedida e repetições desnecessárias... quasi. Mas o poeta alonga demasiadamente o poema.

Intenciona  
 malibica  
 sempre  
 a

Dos invios matagaes, dos souts socegados,  
 Por onde escassa a claridade se insinua,  
 A onça, o lobo, o tapir, como magnetizados,  
 Sáem da escuridão, e uivam olhando a lua...

Corta a amplidão, singrando os ares luminosos,  
 Um alto corvo-rei, uma aguia real possante,  
 Um giganteo condor de remigios gloriosos  
 Revoando em direcção do pantanal distante.

Desenhando avejões e phantasmagorias,  
 A luz da lua nos sombremos reverbera.  
 E, abandonando o horror das touceiras bravias,  
 Em torno da palude a fauna se agglomera.

E emquanto a multidão das figuras povoa  
 De horrificas visões as paragens funereas,  
 Dorme, ao luar do equador, a turbida lagoa,  
 A agua negra e lethal das brancas vallisnerias. (1)

«A página 47 o último verso diz: «A agua negra  
 e letal das febres pestilentas» O A. é um impubli-  
 co e parece-me nada ter de hereditivo: uma  
 simples leitura cuidosa extremaria o poema de  
 tais acidos. — Ou foi um efeito querido pelo poeta.  
 Moderadamente mais que se não poderia mais  
 inreparar a poetica... Ha efectos propozita dos rebucos  
 de consonâncias ouvea clauiter ouvea romhadas. Po bre,  
 miaérrimo Camões!...

No hediondo tremedal, o macio perfume  
 Dos nelumbos azues, das nymphéas se evola.  
 E, alva, sobre o negror das aguas de betume,  
 Abre a victoria-regia o esplendor da corolla.

O terror é solenne! O espaço se desata  
 Em chuvas zodiacaes! Através das neblinas  
 Fulgem, como se fôra a ardentia da mata,  
 Minusculos fuzis de estrellas pequeninas...

São vagalumes, são lampyrides candentes,  
 Lucilando a bailar pelo bosque<sup>(1)</sup> sombrio,  
 Phalenas, colibris, vermes phosphorescentes,  
 Libellulas iriaes e fúlguros<sup>(2)</sup> no cio...

É o Amor que celebra essa flammante festa!  
 O orvalho cáe. A seiva sobe. As aguas bolem...  
 — E realizam-se ao luar, no templo da floresta,  
 Sob a bençam da noite, os hymeneus do pollen!

(1) Bosque é mato de pequeno tamanho e não serve para designar esta imensa floresta tropical.

(2) Insetos que brillam à noite (hemipteros).

negra  
 impulsiva  
 uma  
 uma de  
 do poeta.  
 mais  
 rebuscas  
 s. Poeta,

Então, por toda a selva, a magia é tamanha,  
 Que, para definir-lhe a riqueza estupenda,  
 Foi preciso appellar para uma força extranha,  
 E a fé se originou da poesia da lenda!

Hora de aparições! Hora de pesadelos,  
 Que tivestes talvez sem nunca os descreverdes...  
 Em que a Yara penteia os humidos cabellos,  
 A coma vegetal dos seus cabellos verdes! (U)

Dizem que essa mulher mysteriosa parece  
 Surgir, desabrochar por encanto divino,  
 Como uma orchidea enorme, uma flor que se houvesse  
 Transfigurado ao luar num corpo feminino!

Grande, joven e bella, essa imagem humana,  
 Cujá nudez radiosa a natureza encerra,  
 Incarnando o vigor da flora americana,  
 É a Musa do Brasil, o symbolo da terra!

*Uma quadra má. O segundo verso e' ai posto  
 o martelo, prejudicando a poesia e o encanto com  
 essa desnecessaria chama da realidade pelo  
 leitor que, encantado, se levantara quando os parajens  
 idealistas do aombro. Mas o a. precisa de uma rima  
 em erdes para os cabellos verdes de Yara. Esses des-  
 vios de atençao são sempre prejudiciaes, perturbando  
 (2. 19. 5. 5)*

a atenção do autor e pertence ao bando da originalidade da narrativa, a continuidade da eloquência. O ultimo verso da quadra não é mais que o alongamento, em frase bello, terço, do trucidado cabido do verso antecedente. Não é a primeira vez que se assim pratica nesta talida

A Natureza e o Sonho

55

estupendissima poesia. Mas é uma pratica, não alongamentos permissivos e fastidiosos. Não ha mais aquella elocução inteira e natural que prende e inebria. O a. com a portentosa imaginação que tem, e o brilho da sua eloquencia, particularmente oratoria, refugiria facilmente a tal <sup>IV</sup>acção. Repetições de um género, in-

O homem, cheio de orgulho e de amor, contemplando

A grandeza feraz da patria da Conquista,

Na sua adoração dobra os joelhos sonhando,

Beija a terra! — e murmura esta prece de artista:

— “Ó floresta! na tua imponencia e bravura,

És simples e sonora, eloquente e singela!

No esplendor virginal da eterna formosura,

És quente, és rica, és forte e, antes de tudo, és bella!

“ Para que eu te traduza a majestade rude,

Mas de uma fórma tal, precisa e manifesta,

Que demonstre o poder da tua juventude,

A que hei de exactamente igualar-te, ó floresta?

“ Só posso comparar-te á lingua portuguesa:

Porque ella é que possui os thesouros da tua

Basta, e brava, e brutal, e barbara belleza,

Que a lingua mãe, na terra virgem, perpetúa!

Teiramente desnecessários, ha notoriamente á pg 44 na 3<sup>a</sup> quadra, o quarto verso; pg 46, 2<sup>a</sup> quadra, 3<sup>o</sup> verso; pg 46, 2<sup>a</sup> quadra, 4<sup>o</sup> verso; pg 46, 3<sup>a</sup> quadra, 4<sup>o</sup> verso; pg 48, 3<sup>a</sup> quadra, 4<sup>o</sup> verso; pg 50, 3<sup>a</sup> quadra, 4<sup>o</sup> verso; na pg 51, 1<sup>a</sup> quadra, 2<sup>o</sup> hemistiquio do 1<sup>o</sup> verso.

! posto -  
No cour  
ralo  
paragem  
e ruina  
esses des.  
quatro  
(a pg 51)

“ Pelo sagrado amor dos artistas futuros,  
 Na lingua florestal, em vindouros garimpos,  
 As palavras senis, que são carvões escuros,  
 Hão de um dia esplender como diamantes limpos.

“ E o tacto, a côr, o som, o sabor e o perfume,  
 Tudo que á phrase humana a sensação empresta,  
 Ha de um dia exprimir a lingua que resume,  
 Na opulencia verbal, a pompa da floresta!

“ Consagrando a belleza, eternizando a graça,  
 Ella reflorirá como um verde renovo!

— E os Poetas cantarão, para gloria da raça,  
 Na lingua de ouro velho, a terra de ouro novo!”

*O derradeiro verso é simplesmente sublime. Não  
 sei o nome da quadra em que novo rimou com  
 renovo que elle é pleneamente e por isso rimou pau-  
 pérrima. Mas é lindo o poema. Terá os seus de-  
 feitos, quem os não tem? — mas splende nelle toda  
 uma juvenillidade fogosa, um enthusiasmo, uma  
 fé que exalteando a comparação final do poema,  
 tornam-no singular em a literatura portugueza.  
 É grande a habilidade do poeta, mas ella por vezes  
 conturba-se, titubla e aparece o senão. Muito embora  
 apoteose o poeta a Forma, o seu lindissimo poema  
 viverá menos por ella que pela idea, pela imaginação  
 devotiva, pela eloquencia desbordante.*

## Symphonia

Parece que Deus sonha. <sup>(1)</sup> Ha na terra, ao crepusculo,  
 A paz das cathedraes. A alma pensa. O thesouro  
 Do occaso, a arder, é como uma rosaça de ouro,  
 Num vitral multicôr de tons de catasol.  
 Profundo, o Angelus plange. Abre-se a noite esplendida,  
 Sarcophago do sol.

Na apotheose da tarde os astros, como lampadas,  
 Tremeluzem na sombra. Ha por todo o occidente  
 A pompa funeral de uma camara ardente.  
 Vesper, qual um diamante azul claro, irradia.  
 E, diluida na treva, empallidece e apaga-se

A ultima luz do dia.

*(1) Mas o p. não acredita em Deus. Vide a patria de-  
 dicada a Victor Hugo.*

*. Não  
 ia com  
 na pau-  
 er de-  
 toda  
 uma  
 poema,  
 uera.  
 ar vezes  
 embasa  
 ma  
 gica çã*

Iggdrasil na amplidão distende as ramas rutilas.  
E, na fronde celeste, as flores fabulosas  
E os fructos zodiacaes, por entre as nebulosas,  
Despontam aos milhões, preluzindo pelo ar.  
Pendendo entre festões de violetas e lirios,  
E anemonas de luar.

Lentamenté, no céu côr de opala e de perola,  
Sobe a lua escutando a musica das horas,  
A harmonia immortal das esphas sonoras.  
Sobre o espelho de prata algente das areias,  
Branca e redonda, espreita o somno das alvissimas  
E lubricas Sereias.

Numa scintillação de fulvidos chrysolithos,  
Sirius e Aldebaran, Jupiter e Saturno  
Fervem. E, no esplendor do cortejo nocturno,  
Entre constellações e planetas iriaes,  
Ampos clarões de luar dealbam os céos argenteos,  
Como auroras boreaes.

(1) Branqueur

Toda a gloria do espaço — essa grandeza cosmica,  
Essas rutilações que parecem eternas,  
De mundos a fulgir como enormes lanternas,  
Nos oceanos sem fim da noite illuminada —  
É apenas, no infinito, a miragem minuscula,  
Symbolica do Nada!

Na parafraze de D. Hugo, diz R. Correa que tudo, no  
dia que avorda para e aos aos ruidos de Deus  
como o ruador das aras com insecto. Naquelle poe-  
ria, Tambem Deus sonha. Monogamela em te as  
duas ideias não são mais que uma e em Raimundo  
do realigada com esplendor de ritmo e entusiasmo  
que nem se pode comparar com estes versos  
ribombantes e clangorosos de Mr. Fontes.

(1) Diz Martins Fontes que é paráfrase de Catulle Mendès. Seu título o poema d'este era paráfrase do conto millesimo de Flaubert: "Herodias. Não conheço o poema

60

Verão

faaues, mas o de Mr. Fontes segue ~~aperta~~ ~~simoniamente~~ o conto de Flaubert.

## Salomé<sup>(1)</sup>

Paraphrase de Catulle Mendès

Ora, em Makeros, perto da  
Terra sagrada de Judá,  
Num dia do mês de Schebat,<sup>(2)</sup>

O tetrarcha da Galileia,  
Filho de Herodes da Idumeia,  
Reune em magnifica assembleia,

Vitellio e varios dentre os seus  
Homens e amigos galileus,  
E os sacerdotes do seu Deus,<sup>(3)</sup>

(1) Primeiro mês do ano civil dos hebreus

(2) ~~Herodias~~, sous le pretexte de fêter son anniversaire il avait invité pour ce jour même, à son grand festin, les chefs de ses troupes, les régisseurs de ses campagnes et les principaux de la galilée » Flaubert, Herodias.

(1)  
(2)  
me  
troi  
(3)  
tra  
117  
ceu

ullu Men  
to conto  
hoema  
riamente

E honra o proconsul dos romanos,  
Dando um banquete aos soberanos,  
No dia egregio dos seus annos.

A sala immensa do festim,  
É toda feita de algumim<sup>(1)</sup>  
Tauxiado de ouro e de marfim<sup>(2)</sup>

A mesa augusta ergue-se ao lado,  
E assenta sobre um largo estrado,  
Que é de sycomoro lavrado.<sup>(3)</sup>

Turbando as chammas e os metaes,  
Sobem as fumeas espiraes  
Dos incensarios aromaes.<sup>(4)</sup>

Brilham os scyphos dos convivas,  
E altas chrysendetas festivas  
Cheias de figos e de olivas.

(1) *l'Amare oriental, própria para construcões*  
(2) *Il est que se paraient des colonnes en bois d'algumim avec des chapiteaux en bronze couverts de sculptures. . . . ; et une troisième en filigrane d'or.* Flaubert, *Hérodias*.

(3) *« la table proconsulaire occupée, sur la tribune élevée, une estrade en planches de sycomore »* Flaubert, *Hérodias*.

(4) *« ils frissonnerent quand on les aspergea de galbanum et d'encens »* F.

Il sourit  
ses troupes  
ux se

(4) « et les bras pressaient des olives, des pistaches,  
des amandes » F.

Veem-se amendoas de Bethlem,<sup>(4)</sup>  
E as aureas amphoras contêm  
Os vinhos roseos de Sicheu.

Pela extensão da mesa nobre,  
Por entre palmas, se descobre  
A neve em cyathos de cobre.  
*« il croqua de la neige » F.*

Servem-se polmes<sup>(1)</sup> de açafrol,  
Romans e tamaras de Esquol,<sup>(3)</sup>  
Bolos de melro e rouxinol.  
*« et des melles roses » F. « des raisinols » F.*

Em scismas lugubres absorto,  
Antipas vê, de longe, o porto  
Tranquillo e triste do Mar Morto.

E o seu scismar enche-se de  
Sombras horrificas, porque  
A morte proxima prevê.<sup>(2)</sup>

(1) Quarra seu pouco liquidada.  
(2) « Mais le mar qu'on lui avait prédit, en a'abr.  
pliquant à un autre, peut-être défigurant la  
raison ? » F.  
(3) Esquol avait des grenadiers » F.

ta ches,

Comtudo, ás vezes conversando,  
Disfarça as maguas; <sup>(1)</sup> porém, quando  
Vai o banquete terminando,

*« Les panneaux de la tribune d'or se déployèrent tout à coup » F*  
O velario de um pavilhão

Se abre: Herodias no salão *« Hérodias apparaît » F*  
Surge entre anemonas, então.

E erguendo a patera florida,  
Diante da sala commovida,  
Declama: "A Cesar, longa vida!" <sup>(2)</sup>

É nesse instante triumphal,  
Exactamente no final  
Do agape esplendido e fatal,

*« Mais il arriva du fond de la salle » F*  
Que, do fundo das galerias,

Num incendio de pedrarias,  
Desponta a filha de Herodias!

*(1) Un capitaine de la garnison de Tibériade... pour l'événement d'événements extraordinaires. Mais son attention était partagée entre le Procureur (Pilate) et ce qu'on disait au Tables-roulées » F*

*(2) « Et au haut de la balustrade qui domine au tîpas, avec une patera à la main, elle cria: — "Longue vie à César!" » F*

a'abr.  
la

E ao som de mandora e kinnor,  
 Num flavescente resplendor  
 De gemmas de Sirinagor,

Entre os applausos do delirio,  
 Virgem e leve como um lirio,  
 Entra dansando ao modo assyrio. (1)

Fascinadora, Salomé  
 Levanta o véo, que desce até  
 Á asa recurva do seu pé.

E em torcicollos colleantes,  
 E na volupia das Bacchantes  
 Tine as crotalias resoantes.

Ri-se, e na dança tem o dom  
 De deslumbrar, variando com  
 A ondulação de cada som.

*(1) Elle dança comme les prêtresses des Indes, comme les  
 nymphes des cataractes, comme les bacchantes de Lydie...  
 ...pareille à une fleur... &*

Gyra em volteios colubrinos,  
Lentos, elasticos, felinos,  
Ao retumbar dos tamborinos.

Em tentadora inebriez,  
Mostra a morena calidez  
Doirada e biblica da tez.

Chega-se a Antipas, e recúa...  
Ascende aos poucos, e fluctua  
Maravilhosa e semi-nua... (1)

Avança e foge, e vem e vae,  
Ondula, e ala-se, e recáe  
Em posição de quem attrahe...

Seu corpo nimba-se envolvido  
Por um translucido tecido,  
Que é como um fluido colorido.

*(1) « En avant elle tourne autour de la Table et l'antipas » J.*

*que les  
hydie...*

No desvario que a seduz,  
As mil imagens reproduz  
Da flor, dos passaros, da luz!

Arfam na graça dos colleios,  
Nos rodopios e meneios,  
Os pomos pulchros dos seus seios...

Ante o seu magico poder,  
Diz-lhe o tetrarcha sem conter  
O entusiasmo do prazer:

"Pede-me tudo que quizeres!  
Qual a provincia que preferes,  
Flor luminosa entre as mulheres?"

"Tu és tão bella que nenhum  
Premio te paga! E só por um  
Beijo, eu te dou Capharnaum!"<sup>(1)</sup>

*(1) ... il lui disait: « Vieux! Vieux! Tu aurais Capharna-  
um! la plaine de Tibéria, oues citadellas, la moitié  
de mon royaume. » 7.*

2) Je ne sais que tu que donne dans un plat, la tête...  
elle avait oublié le non, mais reprit en souriant:  
« la tête de Taokanann! » Le Tetrarque s'affairna

A Natureza e o Sonho

67

sur lui même, écriant. Il était contraind par sa parole et  
le peuple attendait... F

E ella, infantil, em voz que freme,  
Assim lhe diz: "Da-me em estreme..."  
Murmura um nome... E Herodes treme!(2)

Pede que não, e exora... Mas  
A sala ordena pertinaz:  
"Tu prometteste, — e tu darás."

Depois, num grande prato de ouro,  
Entre as aclamações em câro,  
Com os olhos humidos de choro,

se tra tête entra; — Edman-  
naei la tenant par les che-  
veux, au bout de son bras, fier  
des applaudissements. Quand  
il l'eut mise sur une plat,  
il l'apprit de l'homme... F.

Nas mãos de um famulo idumeu,  
Diante do povo galileu,  
De Iaokanann appareceu,

Bruta, a cabeça ensanguentada,  
Que, pelo gume de uma espada,  
Fôra do tronco separada.

(1) Na significação antiquada de quilibrio, pertença. — É exultado dizer que L. F. é quem diz isso. Não quero mostrar-me, com pedanteria, como erudito e conhecedor. Bem prova isso não os inúmeras palavras desconhecidas que tenho achado e as quais pus simplesmente a significação giusta.

apliarna-  
maité

Da sua palpebra, a fulgir  
 Como uma hydrophana de Ophir,  
 Vê-se uma lagrima cair...

*« Et les prunelles s'tentent, semblent dire quelque chose... » F.*

Ante essa lagrima tristonha,  
 Herodes julga a voz medonha  
 Ainda escutar, como quem sonha...

Ouve dizer-lhe Iaokanann:  
 —“Tetrarcha impuro, a vida é van,  
 E a tua amante é tua irman!”

Serena, a lagrima resvala,  
 Tremúla e cáe. E toda a sala,  
 Cheia de espanto e horror, se cala.

Mas Salomé, flor de Engaddi,  
 Ao Precursor, num frenesi,  
 Diz: “Porque choras? ” E sorri.

E elle responde: — “A causa desta  
Ultima lagrima funesta,  
É ter chegado tarde á festa...”

“Pois me fizeste, a meu pesar,  
Por tanto tempo demorar,  
Que não te pude ver dansar...”

Como se vê, o poema indigena segue o parro do conto de Flaubert. Apenas Flaubert, que não era nenhum satânico, tinha bom senso bastante, e uma infinidade de liadeza que o impediriam de escrever as brutalidades verdadeiramente estúpidas do final da scena. Era seu crente, mas a sua creença não chegava a essa irreligiosidade, a paratosa e mesquinha do mesmo tempo, que permite a certa casta leviandade de gente incerta, as maiores abominações que são simultaneamente as maiores tolices. Repugna ver a despiçade e a sarcasmo insolente com que Martim Fontes destrata uma figura tão sublime e pura como a de Taotkanam. Mas sem dúvida Catulle tinha escrito o mesmo horror em belos versos, e depois... havia também o poema de Oscar Wilde. E os novos honens de letras estremam-se quasi todos em acervir e imitar vulgarmente, com menos originalidade que gênio, menos creença que habilidade as literaturas estrangeiras. Martim Fontes perdeu uma ocasião azada de reservar para si mesmo a triste vertega da sua irreligiosidade e da sua petulância insolente.

## Victor Hugo

Poeta! diante da tua assombrosa grandeza,  
A que, no meu amor, poderei comparar-te?  
Que imagem haverá dentro da Natureza,  
Capaz de traduzir o esplendor da tua Arte?

A arvore? o baobab, carregado de ninhos,  
De fructos e festões, dando a sombra e o calor,  
Velho e verde, em plethora, á margem dos caminhos,  
Como um templo pagão, inteiramente em flor?

A floresta peruana, as selvas do Amazonas,  
 Onde, em pleno equador, a criação encerra  
 Todos os vegetaes das mais extranhas zonas,<sup>(1)</sup>  
 Todas as florações que embalsamam a terra?

Ainda é pouco, perdôa: — a gloria e a majestade  
 Das matas do Brasil, das selvas do Perú,  
 Jamais exprimirão quanto és grande, em verdade,  
 Porque muito maior do que ellas são, és tu!

O oceano, a enthesourar, nos abysmos do seio,  
 A Atlantida sonhada e o leviathan da lenda,  
 Nas voragens bramindo em tumultuario anseio,  
 — Prometheu encadeado e em continua contenda? <sup>(2)</sup>

Não: — no mar, como em ti, ha goelanos velozes,  
 Maravilhas sem conto e miragens sem par,  
 Porém, na immensidão, — patria dos albatrozes,  
 Tu, insondavel Poeta, ainda és maior que o mar!

*(1) Eu apontaria como o poeta, para que me elle trouxesse, embora murrada, uma simples edelweiss das montanhas do rio-titan.*

*(2) Infelizmente Prometheu é comparação obrigada de muitas e de quasi todas as occasiões. Serve para tudo e para todos. Neste livro há muitas comparações a instar do velho mito; esta, argumênto e a da pg. 124*

A montanha? o Himalaya, o vulto formidando  
Soerguendo na amplidão, sobre as nuvens supernas,  
No fervedouro astral as grimpas mergulhando,  
Coroadas de vulcões e de neves eternas?

Ainda não! A energia? Os turbilhões violentos  
Da agua invencivel, do ar indomito e da luz?  
Das forças naturaes, dos proprios elementos?  
— Não! mais forte é o fragor que o teu verbo produz!

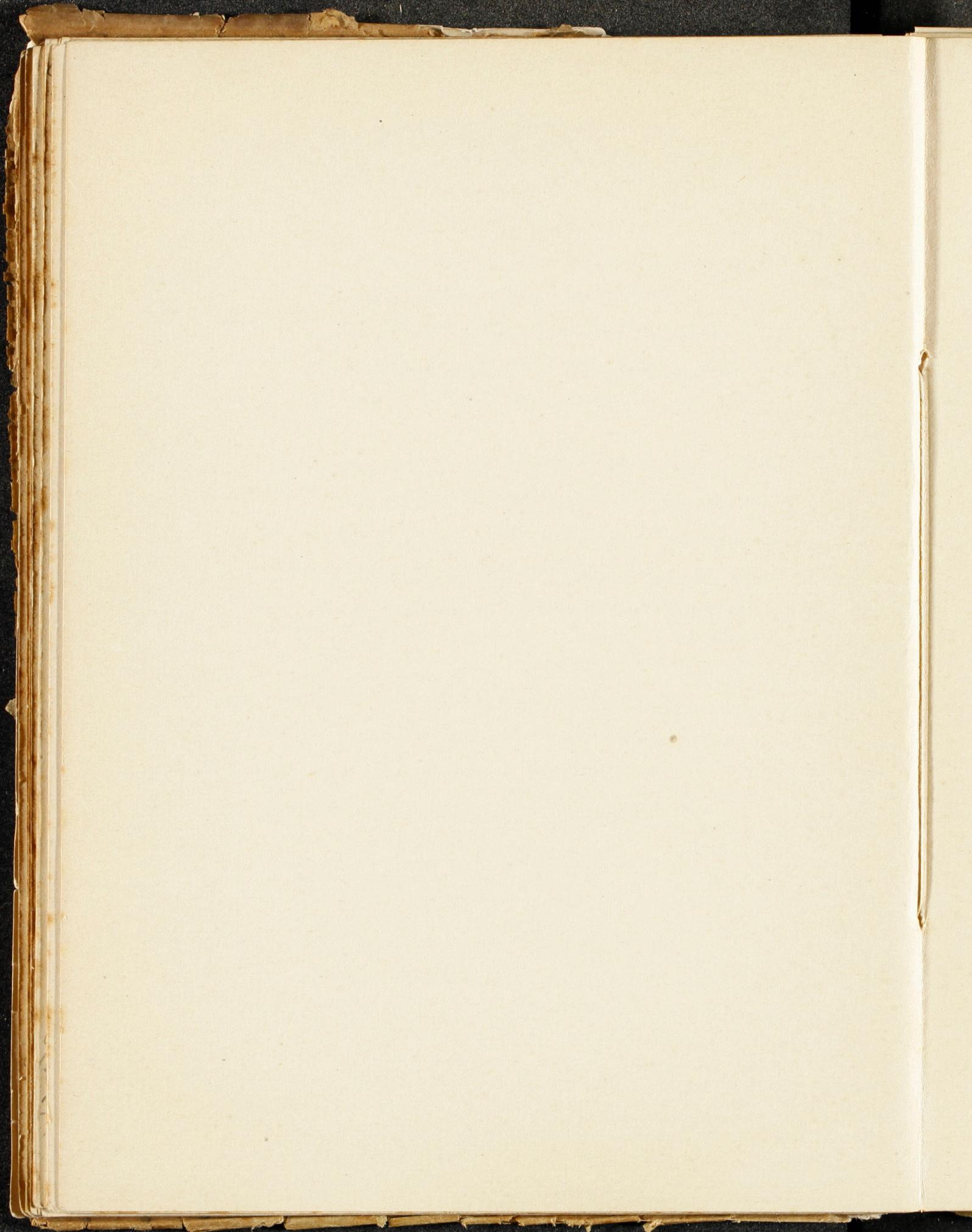
Toda a terra? — o planeta em cujo ambito enorme,  
Ha millenios, chorando, a voz humana echoa,  
Sob o peso da dor, perpetua e multiforme?  
— Poeta desmesurado, ainda és maior, perdoa!

E o firmamento? o azul? — mares de nebulosas,  
E astros, como pharoes, irradiando aos billiões!  
E ainda, no Além do Além, por alturas radiosas,  
Myriades de soes e de constellações...

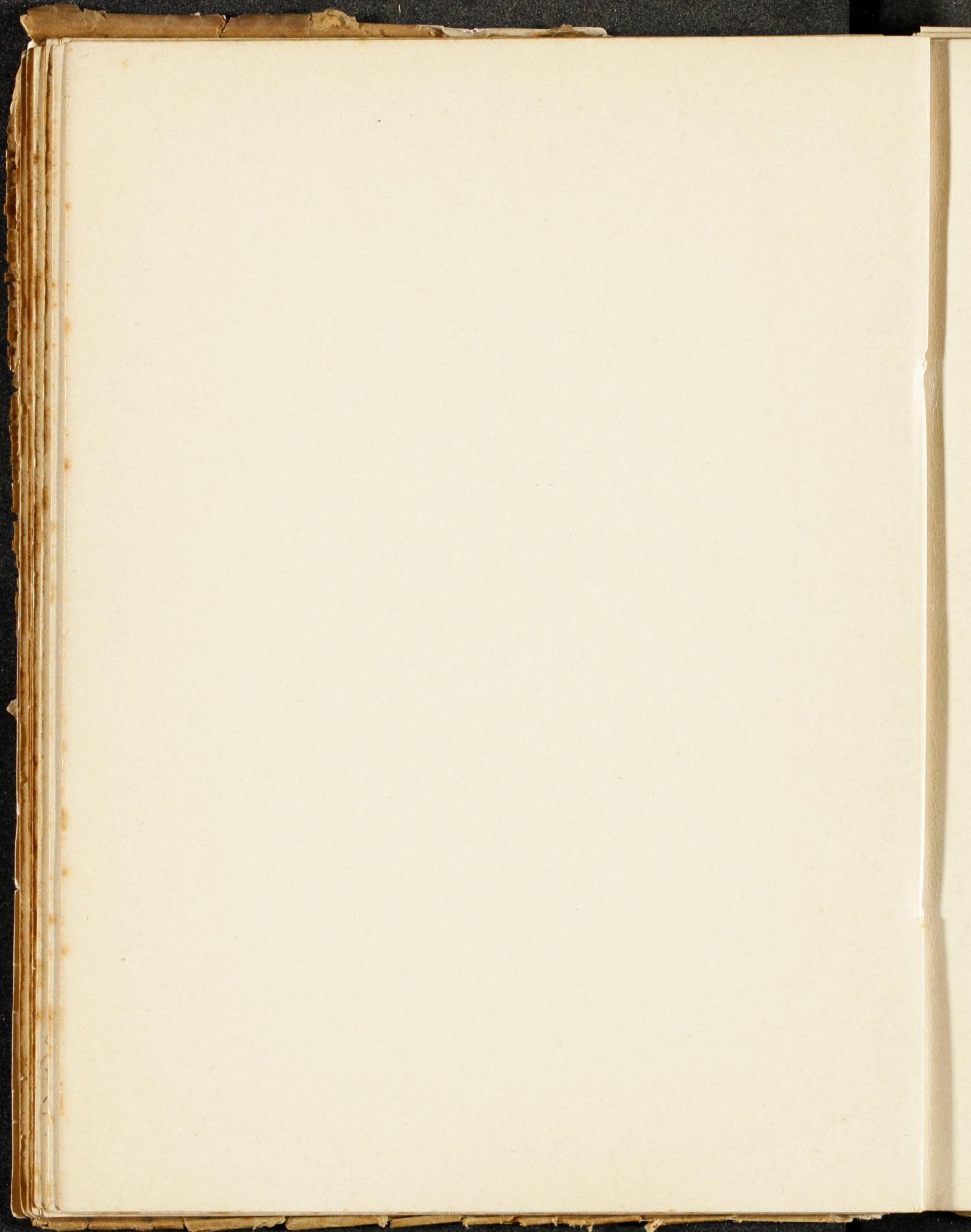
O infinito, onde canta a musica dos mundos,  
 E onde, na orquestração das esferas em côro,  
 Plangem os carrilhões dos teus versos profundos,  
 Teus soluços de bronze e tuas bençams de ouro?

Sim! — contemplando os céos, dentro da noite calma,  
 E idealizando o Azul, é que afinal senti,  
 Que sómente a amplidão se compara á tu'alma,  
 Porque eu não creio em Deus, mas acredito em ti!

O poeta perdeu mais outra ocasião de ficar calado. E essa acintosa tirada final era desnecessária. Não há nada no poema que a neutralize preparando e se que ela resulte. O ultimo verso, absolutamente fora de propósito não coube no lindo poema. Éle sentiu que somente a amplidão se poderia comparar a alma de Victor Hugo... Está bem. São demarções de poeta ainda quem como eu tal não acerte do qual que cantava fúridamente a "Tristesse d' Olympio" (fui tamente quando desflorava os beijos da amada no apogeu do pôr e do prazer; não acerto assim comparável a amplidão a montanha de orgulho que faz Victor Hugo, despidado e arrastado... Mas a opinião é miúda: a de M. Fontes é outra, e Deus me livre! que todos tenham a miúda opinião. Eu morreria sem sorrir! Mas o que é absolutamente desproporcionado é o porque ele se acha a amplidão comparável a alma de Hugo. Porque? direi eu agora. Será porque julgue O poeta que Deus é o semelhante da amplidão? Mas creio caso éle não tem sequer a noção do que seja Deus, para os que n'ele creem: porque Deus — Deus justo, Deus verdadeiro, Deus omnipotente e omnisciente — é maior que a própria amplidão, e nada tem que se lhe iguale.



As Almas e as Estrellas



## Harmonia

A via lactea pelos ares,  
Em vagos brilhos prematuros,  
Derrama os pollens estellares  
Dos mundos vividos futuros.

Mesmo nos pontos mais escuros,  
Aonde não chegam os olhares,  
Hão de existir outros Arcturos,  
Devem arder outros Antares !

E enquanto, fulgida e funerea,  
A noite augusta se levanta,  
Sinto que a essência em que palpito,

Sendo uma parte da matéria,  
Infima embora, esplende e canta  
Como essa Lyra do infinito !

## Desharmonia

Certas estrellas coloridas, *coloridas!*  
Estrellas duplas são chamadas, *chamadas,*  
Parece estarem confundidas,  
Mas resplandecem afastadas.

Assim, na terra, as nossas vidas,  
Nas horas mais apaixonadas,  
Dão a illusão de estar unidas,  
E estão, de facto, separadas...

O amor e as forças planetarias,  
Trocando as luzes e os abraços,  
Tentam fundil-as e prendel-as...

E, eternamente solitarias,  
Dentro do tempo e dos espaços,  
Vivem as almas e as estrellas...

## Ultra Cælos

O crepusculo cæe tristonho e lento.  
Brilham prenuncios do luar por tudo.  
E parece que é feita de velludo  
A caricia dulcissima do vento.

No silencio do meu recolhimento,  
De olhos fechados, deslumbrado estudo  
O céo dos astros, infinito e mudo,  
Que existe além do nosso firmamento.

E contemplando mundos invisíveis,  
Perdido nas phantasticas estradas  
Das serenas regiões inatingíveis,

Em pleno azul, nas horas encantadas,  
Sinto a paz e a pureza inexprimíveis,  
Que ha sobre o céo, nas amplidões sonhadas!

Um defecto do poeta é a quantidade espartosa de qualificativos com que ele revama coisas e seres. A velha usança de dois qualificativos geminados (como «tristonho e leuão», «infinito e onudo») são em meu juizo incontestavel na obra do poeta. Embora a sua qualificação seja variegada e rica, não ha duvida que entorpeça a frase com loucas e desnecessarias e prejudiciais, que obnubram a simplicidade bella das formas desnudadas. Jamais uma galante clama de Watteau attingirá a suprema e simples bella da fonte de Tugres. Na musica moderna pouco afagada de tanto e tam curiosa e feitos orquestrais e românticos, remigrada pela perfeição dos novos instrumentos e pela audacia e brilho das novas harmonias, nada ha que se compare a uma sonata "Amara" de Beethoven, a um oratorio de Sebastian Bach. Não ha quasi neste soneto um só substantivo que não seja acompanhado de um ou dois adjectivos adverbios ou os proprios parnerianos francezes não agiram assim, e Schubert em "Trois contes" attingiu quase respeito a uma perfeição incomparavel.

## Velhas paixões, novos amores

Quanta estrella haverá, dentro da immensidade,  
Que ha muito se apagou, mas o olhar acredita,  
Vendo á noite esplender a sua luz bemdita,  
Que ainda vive e conserva a mesma claridade?

Quantas velhas paixões, mortas na mocidade,  
Guardam esse fulgor, que no espaço palpita,  
— E ha seculos percorre a amplidão infinita,  
E é, na amplidão do amor, como a nossa saudade?

Quanta estrella haverá, no céu negro e tristonho,  
Cujo clarão caminha entre as sombras escuras,  
Symbolizando o amor no mysterio do sonho?

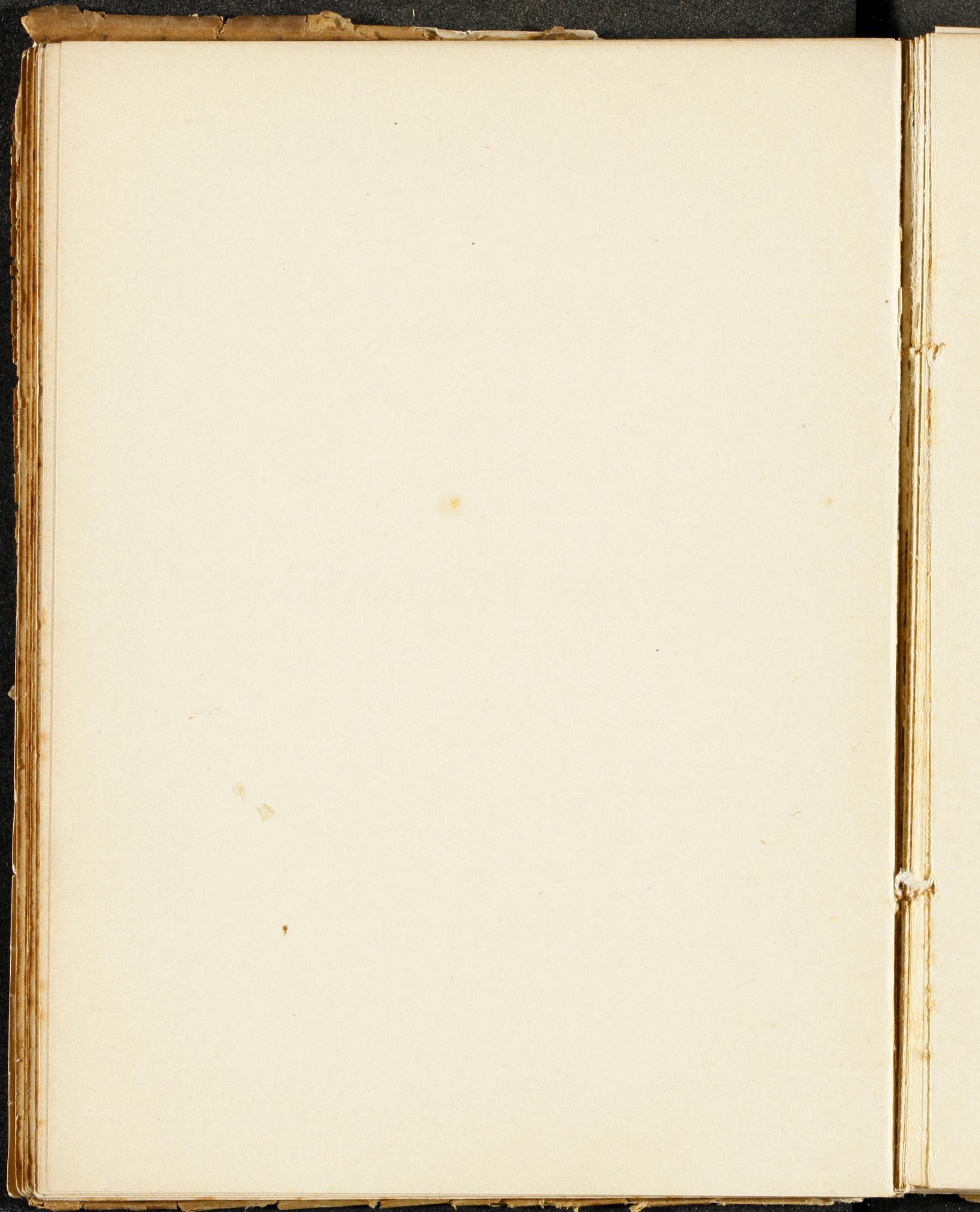
Um dia ha de brilhar essa luz nas alturas...

— E as paixões que hei de ter, e apenas presupponho,  
Ardem dentro de mim, como estrellas futuras!

*Não se comprehende como e porque o p. tirou  
o seu terceto final das ideias que n'ũa  
explanação.*

*Tiron*  
*Alta*

# Palavras Romanticas



## Othello

Quem amar deste modo, antes prefira  
Morrer, do que sentir a desventura  
De não saber, nas vascas da loucura,  
Distinguir a verdade da mentira.

Infrene duvida, implacavel ira,  
Esta que me alucina e me tortura!  
— Ter ciumes da luz, formosa e pura,  
Do chão, da sombra e do ar que se respira!

Invejo a veste que te esconde! a espuma  
Que, beijando o teu corpo, linha a linha,  
Toda do teu aroma se perfuma...

Amo! E o delirio desta dor mesquinha,  
Faz que eu deseje ser tu mesma, em summa,  
Para ter a certeza de que és minha!

## Paraiso Perdido

Tu serás sobre a terra a cidade do olvido :  
Tua belleza ideal, que radiosa entrevejo,  
Ha de occulta extinguir-se ao fogo do desejo,  
Porque tu és, para o Amor, como um Eden perdido.

Ao rubor do teu sangue, em férvido latejo,  
Teu labio ha de murchar, sem nunca ter florido...  
Sem jamais ter provado o sonho indefinido,  
Que, numa bocca em flor<sup>1)</sup>, tem o aroma de um beijo...

1) Boca em flor é de Vicente de Carvalho:  
"é lo'mino as horas que passo  
junto de ti, meu amor,  
tua cintura em meu braço,  
meu beijo em tua bocca em flor..."

Deslumbra-me, através da pelucia e da renda,  
Tua carne sensual, como um vivo Eldorado,  
Que sómente sonhando o meu olhar desvenda:

— A invisível nudez do teu corpo adorado!  
Primavera do amor, paraiso da lenda,  
Formoso e virginal como um jardim fechado!

1) se se resignada; ou roseira  
que mais vilja e mais prospera,  
da rosas na primavera,  
e espinhos a vida inteira » V. de Carvalho,  
e ainda:

« Roseira de tanta rosa,  
roseira de tanto espinho... » V. de C.

« Tu eras <sup>e mais</sup> uma roseira,

que eu topara no caminho...

Quem não perdoa um espinho

pelos encantos da flor? » V. de C. E não vale a

pena procurar mais porque não ha poeta que  
se não tenha utilizado sobre o mesmo lugar  
comum. M. Fontes como o colonaire da sua ima-  
ginção brilhante recusaria, si o quiesse, da re-  
petição comum.

## Olhos, espelho da alma

Adeus. O teu amor me torturava:

— Era uma rosa que, si ás vezes tinha

No perfume a doçura que eu sonhava,

Tambem espinhos bem crueis continha. (1)

Contra a propria vontade é que eu te amava,

Sem a esperança de que fosses minha.

Por teu orgulho, não serás escrava.

Por meu orgulho, não serás rainha.

Adeus. Beijo-te a mão, tendo a certeza  
De que procuras, disfarçando o pranto,  
Não demonstrar a minima tristeza.

E ambos sorrindo, e pallidos de espanto,  
Em nossos olhos vemos, com surpresa,  
Que é por capricho que soffremos tanto !

*« Separados, eu sei que nada iguala  
ao coprer teu, si nunca outra me sorri,  
e meu ao meu coprer, si alguém te fala,  
si vejo alguém se aproximar de ti.*

*Tu comigo, eu contigo, ambos confiamos...*

*Para que, afinal, nos separemos ? »*

*Al. de Oliveira  
2ª série pg. 169*

## Beijos Mortos

Amemos a mulher que não illude,  
E que, ao saber que a temos enganado,  
Perdoa por amor e por virtude,  
Pelo respeito ao menos do passado.

Muitas vezes, na minha juventude,  
Evocando o romance de um noivado,  
Sinto que amei outrora quanto pude,  
Porém mais deveria ter amado.

Choro. O remorso os nervos me sacode.  
 E, ao relembrar o mal que então fazia,  
 Meu desespero inconsolado explode.

E a causa desta horrível agonia,  
 É ter amado, quanto amar se pode,  
 Sem ter amado quanto amar devia.

*Este é um magnífico soneto, e porque a ideia  
 era esplêndida e adaptável extremamente ao  
 molde do soneto, a composição saiu mag-  
 nífica, sem seriosa, original, forte e bela.  
 Tuas rimas são de grande riqueza, o  
 verso não clausura em harmonia original,  
 mas o poema é lindo. O que prova que a alma  
 da Farma brilha e brilha de brilhar eterna-  
 mente reinando a Tolea, que sublima o  
 homem e o aproxima da Divindade.*

## Beatriz

Sem jamais entrever a perfeição divina,  
Symbolizo esse ideal, que incansavel procuro,  
Num modelo que encerra, imaginario e puro,  
A belleza integral na forma feminina.

E é por essa Beatriz que, em extase, murmuro  
O meu hymno de amor á graça peregrina.  
E, abrasada na fé, que o meu sonho illumina,  
A alma concretizando, a carne transfiguro.

o ideal  
mente ao  
maj-  
bela.  
o  
iginai,  
e acima  
terna-  
na o  
de.

À essa imagem sem par, de suprema poesia,  
Consagro a adoração do meu culto absoluto,  
O perenne fervor da minha idolatria.

O lírio espiritual do seu beijo impolluto,  
Dá-me a casta impressão, inspiradora e fria,  
Do aroma de uma flor que não promete um fruto.

u-f  
goc  
e a  
ai  
Tu  
Pa

## Soffrer

Meu pobre coração amargurado,  
Sem que esperes consolo de ninguém,  
Onde irás tu parar, tão mal parado,  
Si o mal da vida a tua dor contém?

Julgaste haver um céu, no teu passado,  
Que, infelizmente, não existe além.  
Hoje aspiras a um somno socegado,  
E essa esperança é uma illusão também.

De padecer a morte não te priva:  
Pois, um dia, na eterna dispersão,  
Reentrarás na angustia collectiva...

E, entre os mysterios da transformação,  
Has de sentir em tudo, rediviva,  
A mesma dor que soffres, coração.

*Agora o p. explana-se em Teoria, de me-  
temporários. Vai bem.*

me -  
Mais forte do que a morte

Chego tremulo, pallido, indeciso.  
Tentas fugir si escutas meu andar.  
E és attrahida pelo meu sorriso,  
E eu fascinado pelo teu olhar.

Dizes que, sem querer, te martyrizo.  
Em meus braços começa a chorar.  
— E unem-se as nossas boccas de improviso,  
Pelo poder de um fluido singular.

Amo-te. A febre da paixão te acalma.  
Beijas-me. E eu sinto, em languido torpor,  
A embriaguez do vinho da tu'alma.

E ambos vemos, felizes, sem temor,  
Que, abençoada e lubrica, se espalma  
A asa da morte sobre o nosso amor!

*Agua  
tem*

B  
E  
P  
S  
  
S  
—  
T  
M

## Truth is stranger than fiction

Beijei-te. Acabo de sonhar contigo.  
E ainda meio dormindo e mal desperto,  
Para minha saudade e meu castigo,  
Sinto-te longe, quando estavas perto.

Sonho! Mais que a verdade que investigo,  
— E em ti sómente tenho descoberto,  
Tu, que és de facto o verdadeiro amigo,  
Menos enganas, sendo embora incerto.

Si a vida illude, distinguir quem ha de,  
Na apparencia de tudo quanto veja,  
Si o sonho é mais fallaz do que a verdade?

A bocca da mulher que se deseja,  
Dá-nos sempre a illusão, na realidade,  
De que apenas sonhando é que se beija.

## Incontentado

Quando, em teus braços, meu amor, te beijo,  
Si me torno de subito tristonho,  
É porque ás vezes, com temor, prevejo  
Que esta alegria pode ser um sonho.

Olho os meus olhos nos teus olhos... Ponho,  
Tremulo, as mãos nas tuas mãos... E vejo (1)  
Que és tu mesma! que és tu! E ainda supponho  
Ser enganado pelo meu desejo.

(1) Vejo e prevejo não são ainda a mesma  
sua palavra ver. Não é primeira, nem  
segunda vez que o a inicie no defecto,  
sem grande poeta parnasiano.

Quanto mais, desvairado de ansiedade,  
De teu corpo meu corpo se avizinha,  
Mais de ti, junto a ti, sinto saudade...

— E o meu supplicio atroz não se adivinha,  
Quando, beijando-te, o pavor me invade,  
De que em meus braços tu não sejas minha!

## Desencantamento

Por um país de enganos fôste um dia,  
De olhos fechados, caminhando pelas  
Regiões de ouro e de luz da phantasia,  
Onde as flores brilhavam como estrellas!

Tantas surpresas no teu sonho havia,  
Que tu ficavas deslumbrado ao vel-as!  
E eis que de estrellas tua mão se enchia,  
Tão facil era á tua mão colhel-as...

Longe dos males das paixões terrenas,  
Encantado e sonhando te transportas  
Nessas paragens claras e serenas...

Mas, de repente, as dores que supportas  
Lembraste. E, abrindo os olhos, viste apenas  
Que essas estrelas eram flores mortas...

## Canção do cair das folhas

Porque te escondes na sombra ?  
De que modo se traduz,  
Este medo que te assombra  
De fulgir na propria luz ?

Porque será que procuras,  
Quando a volupia te eleva,  
Tornar a sala ás escuras  
Para beijar-me na treva ?

Por que motivo é que trazes,  
Florindo-te a pallidez,  
As violetas e os lilazes  
Presagos da viuvez ?

Adivinho em teus martyrios  
A dor que te desespera :  
Escuto a canção dos lirios,  
No requiem da primavera.

Nos teus olhares descubro  
A languidez outomnal,  
Que têm as rosas de outubro  
No silencio vesperal.

Paira em ti a luz tristonha  
Da hora solenne e secreta,  
Em que a natureza sonha,  
Porque Deus se fez Poeta.

Como as roseiras, despida,  
As tuas folhas se vão...  
Sonhos mortos pela vida,  
Folhas mortas pelo chão...

Alvo, em teu cabelo louro,  
Já o inverno se retrata,  
Mudando-te os fios de ouro  
Em niveos filões de prata.

Envelheces, envelheces...  
O tempo não volta mais...  
— E o luar caleia as messes,  
No doirado dos trigaes...

Presinto, e com que tristeza,  
Com que indizível desgosto,  
Que, pouco a pouco, a beleza  
Vae apagar-se em teu rosto.

Muito em breve, muito em breve,  
Primavera, vaes morrer...  
Cerro as palpebras de leve,  
Fecho os olhos para ver:

Vejo, ao sol da carne, a tua  
Cabelleira branca e fria,  
Como essa imagem da lua,  
Que se vê durante o dia.

E vem-me esta idéa a esmo,  
Cada vez mais pertinaz:  
Amanhan serei o mesmo,  
E a mesma tu não serás...

Adeus, aos sonhos perdidos,  
E ás esperanças mais bellas...  
Pobres beijos esquecidos!  
Pobres folhas amarellas!

Outomno da terra, outomno  
Dos corpos ainda em flor...  
Prenuncio do ultimo somno,  
Como um angelus de amor...

Tu, neste teu desengano,  
Nas tuas tristezas calmas,  
E's o crepusculo do anno,  
E o crepusculo das almas...

Si é a mesma lei que governa  
As flores e os corações,  
Si o amor é uma arvore eterna  
E as folhas são illusões,

Que, verdes como a esperança,  
Perdem a côr e fenecem,  
Pois que, da nossa lembrança,  
Aos poucos desaparecem,

Porque renascem as flores  
Nos dias primaveraes ?  
E a flor dos nossos amores,  
Nos corações, nunca mais ?

Por que mysterios sagrados  
Será que todos os seres  
Têm tempos determinados  
De descanso e de prazeres ?

Só nós não temos a sorte  
De viver sem desejar :  
— E, velhos, prevendo a morte,  
Não nos cansamos de amar !

Branca se torne a cabeça ;  
Flor da neve é o nosso beijo ;  
E, embora a carne envelheça,  
Nunca se apaga o desejo !

Felizes são os amantes  
Que não mudaram depois :  
E sempre serão constantes,  
Porque envelhecem os dois.

Porém nós ! si em mim relumbra  
A aurora num céu aberto,  
Sobre ti desce a penumbra  
De uma noite que vem perto... (1)

E esta é a causa do meu pranto,  
Porque, infelizmente, sei  
Que, si hoje te quero tanto,  
Amanhan não te amarei...

Fria, em teu corpo se estampa  
A brancura de uma lousa :  
Tu és a marmorea campa  
Em que meu sonho repousa.

(1) Era a luz em meu reflexo, indelével,  
entre as azebras dum sol que já vai longe,  
e as sombras d'uma noite que vem perto...  
R. Guerra

Porém, si mente a miragem  
De um amor que se bem diz,  
Seja um consolo esta imagem  
Tão simples e tão feliz :

— E' sobre os vulcões ardentes,  
Cujas entranhas crepitam,  
Que, nas calmas apparentes,  
As neves se depositam,

E assim como o alvor dos gelos  
Na cratera abre o lençol,  
Mesmo ao luar dos cabellos,  
Nas almas ha sempre sol!

## Fascinação

Amo-te, amo-te muito, amo-te ardentemente,  
Sem poder confessar esta paixão profunda,  
Este ciúme brutal que surge, de repente,  
E os meus olhos febris de lágrimas inunda.

No desespero atroz em que vivo e me inflamo,  
O amor universal meu coração encerra!  
Porque eu te amo de um modo extraordinário!— eu te amo  
Como ninguém amou sobre a face da terra!

Mas, como descrever esta paixão insana,  
Esta implacavel sede, este anseio faminto,  
Si as imagens verbaes da confissão humana,  
Jamais conseguirão traduzir o que eu sinto?

Ouçõ uma orchestra em mim que soluça e que canta!  
O coração me estala em nervosos arpejos!  
E esta musica sobe, e atravessa a garganta,  
E em meus labios estruge em blasphemias e beijos!

Eu, que nunca perdoei, tendo embora soffrido  
Tanto e tanto por ti, meu unico reclamo,  
Perdoaria a amargura em que tenho vivido,  
Si te ouvisse dizer á hora da morte:—"eu te amo".

Quando olhares o céo, como ás vezes eu faço,  
Comparando á minh'alma a noite que se eleva,  
Pensa que o meu amor é immenso como o espaço,  
Cheio de estrellas de ouro irradiando na treva!

Esta paixão cruel em que vivo e palpito,  
Sem consolo encontrar para o meu desalento,  
Dá-me a estranha impressão de um supplicio infinito,  
A certeza fatal do eterno soffrimento!

## Canção dos Cavalleiros da Belleza

A que sagrado coração de artista  
Estará destinada esta conquista,  
Este claro e romantico mister,  
— Que é ser na terra o impavido troveiro,  
O intemerato e guapo cavalleiro,  
Paladino do amor e da mulher!

Ah! viver pelo amor! sem que comtudo,  
Dentro do peito regelado e mudo,  
Um pensamento incasto desabroche!  
— E, partindo os grilhões dos interêsses  
Aos forçados do amor, ser como um desses  
Cavalleiros sem medo e sem reproche!

Viver, no mundo estúpido e nefando,  
De lança em riste, intremulo, clamando  
Contra a impureza deste torvo mal,  
— Que é ver um homem estreitar nos braços,  
Mau grado o horror que causam seus abraços,  
O thesouro de um corpo virginal!

Não ha, não pode haver para quem ame,  
Villania, crueza mais infame,  
Do que prender-se, para toda a vida,  
Uma fragil mulher contra a vontade,  
Prostituida em plena virgindade,  
— Virgem depois de ser prostituida!

Maldito seja quem souber que existe  
Uma mulher, sacrificada e triste,  
Que, com pesar, acceita o seu amor,  
— E, regelada, morta de desgosto,  
Fechando os olhos, pondo as mãos no rosto, //  
Emfim lhe cede a sua carne em flor!

Mas, como a essencia que uma flor encerra,  
Paira acima do carcere da terra,  
Quem escraviza um corpo, não presume  
Que a alma não teme a força das raizes,  
E se evola dos seres infelizes,  
Como o fluido invisivel de um perfume...

Ah! sonhemos o Amor! o Amor sublime!  
E, esquecidos da mancha deste crime,  
Recordemos o fogo das paixões...  
Quando, na febre de um amor ardente,  
Se amam as almas voluntariamente,  
Amam-se os corpos como os corações!

Bem dita a hora de amor incomparavel  
Em que a mulher, num extase ineffavel,  
Murmura e pede, apaixonada e nua:  
— “Dá-me num beijo todos os teus beijos...”  
E, entrecortando os ultimos arquejos:  
— “Ama-me assim... beija-me assim... sou tua!”

É o momento em que a pelle se humedece:  
Em que, orvalhada, é que a mulher parece  
Uma grande corolla rosicler!  
E não se sabe, vendo-a tão formosa,  
Si, de facto, a mulher é que é uma rosa,  
Ou si, em verdade, a rosa é que é mulher!

Beijo! beijo supremo do desejo!  
És tu que fazes — ó divino beijo,  
Que as nossas almas, sofregas e loucas,  
( Como as nymphéas vêm da profundez  
De um lago, amar-se á flor da correnteza )  
Venham unir-se á flor das nossas boccas!

Este, sim! — é o “Amor que move os astros!”  
E, omnipotente, põe titans de rastros,  
Tornando heroes humillimos pygmeus!  
Este é o unico Amor que eu imagino  
Capaz de, ainda mais forte que o destino,  
Dar ao homem a gloria de ser Deus!

E já que existe, na torpeza humana,  
 Uma alma impune que este Amor profana,  
 Com o maior dos crimes aviltantes,  
 — Que é amar uma mulher sem ser amado,  
 Bemdita seja a benção do Peccado,  
 Na redempção do beijo dos amantes!

Os versos são lindos. A fluência dos decarrilabos é extraordinária, provando mais que nunca até agora, o quanto o A maneja com o ritmo heroico com estabilidade e firmeza. É a mesma técnica com que criou o alexandrino de "na flôr da água negra". Os seus ritmos são sempre brilhantes, e embora um pouco fortemente acentuados — e nunca monótonos. Quanto à concepção o poema não mostra indícios valiosos. Pelo desenvolvimento da sua tese, ficou-se em dúvida sobre o que querera dizer o poeta com o seu conteúdo, sentido do real. Regelado e ondulante, um pensamento incerto desabrocha. Ou para a A. não é ser inerte o homem que sendo amado, deixa espaiarem-se em beijos e abraços e estares todas as vontades que mais do que ser ou, na glorificação do amor recíproco, com que termina o poema em 4. última estrofe, esqueceu-se da ideia condutora que trazia e de que foram parte as 3 primeiras estrofes. Ou então dá-se o contrário e as 6 primeiras estrofes nada mais são que um período muito improprio entre um a ideia matriz da poesia. Quanto à sensualidade o poeta nem de longe se imita de a B. e. É enorme o sensualismo que desborda destas "palavras românticas"! É, ainda mais que o modelo, M. Fontes com a torrente mágica das suas palavras inflamadas, perturba e entorta. É pena.

## Volubilis

Só, na sua viuvez, mais triste que a do mar,  
Satan, do horror da treva e do silencio, um dia,  
Levantou para os céos o seu profundo olhar.

E, por ter visto Eloá, que do azul lhe sorria,  
Pela primeira vez começou a chorar,  
Idealizando o amor, porque amar não podia.

Vindo da escuridão do seu mudo pesar,  
Do seu martyrio eterno, o pranto lhe saía,  
Como sãe do negror das noites o luar...

Tal esse Prometheu, creador da Ironia,  
Eu tambem, infeliz, sinto a dor singular,  
Soffro, tantalizado, a infernal agonia

De nunca ter amado e não poder amar!

*Depois de tantos amores, o poeta se contradiz.  
Ou cede, sustentando a sublimidade do amor,  
casto e santo, e sofre a agonia, o castigo das  
suas ideias e liberdades. Antes sefa amado e  
apreendido, o poeta procure moderar as suas  
cúscias inflamadas!*

## Hymno ao Amor

Para as almas o amor é como o sol na terra:  
Na magia de um sonho a vida transfigura!  
É tão bello e radioso o fulgor que elle encerra,  
Que até, depois da morte, o seu clarão fulgura!

Só por elle se vive, e se sonha, e se brilha:  
Vai-se ao fundo do mar, ás regiões do sargaço! !!!  
E ha de alcançar-se, emfim! a excelsa maravilha  
Dos thesouros astraes, nos oceanos do espaço!

Quem não <sup>1</sup>teve <sup>2</sup>uma <sup>3</sup>vez, <sup>4</sup>pelo <sup>5</sup>menos, <sup>6</sup>na vida,  
Um enorme consolo, uma alegria immensa,  
Vendo certa mulher, talvez desconhecida,  
Que depois não vê mais e na qual sempre pensa?

Esse instante feliz, de um olhar que presume  
Quanto deve ser doce o prazer do desejo,  
É mais embriagador, no seu vago perfume,  
Que a illusoria fusão das almas pelo beijo.

Amor! unico Deus por todos adorado!  
Bemdito sejas tu, que a carne divinizas!  
Que dás á criação o esplendor de um noivado,  
E, na forma da flor, o sonho concretizas!

Houve um rei oriental que, ao partir para a guerra,  
Aos combates levava a mais bella sultana!  
A mais linda talvez das mulheres da terra,  
Que, nos jardins do harem, era uma flor humana!

Afim de que os Heroes, vencidos, moribundos,  
Esquecendo e abençoando a injustiça da sorte,  
Pudessem contemplar, nos seus olhos profundos,  
As miragens do amor nos desertos da morte...

Amor! Amor! Amor! primavera encantada!  
Redoírando e florindo as almas e os cabellos...  
Porque, até na velhice, o amor é uma alvorada!  
É uma aurora boreal sobre a alvura dos gelos... (v)

Por elle, é que através das claras nebulosas,  
Mensajeiras fieis e pagens confidentes,  
Aos astros segredando as phrases amorosas,  
Cruzam o firmamento as estrellas cadentes...

É por elle que o mar em coleras extranhas,  
Vibra na harpa do vento a aria da tempestade!  
E, escalando a amplidão, coroam-se as montanhas,  
No anseio de attingir um dia a immensidade!

*«Aurora. Um novo sol apontou no horizonte»  
sobre as bôdas dum sexaguardo  
Bilac*

Das lagartas larvaes, repugnantes e pretas,  
Pela transmutação de um poder invencível,  
Elle é que faz radiar as iris borboletas,  
Attrahindo os casaes por um fio invisível...

Elle é que faz construir no fundo dos abysmos,  
Nas entranhas do solo, os ninhos dos condores!  
E accende nos carvões os mesmos chromatismos,  
Que ha nos raios do sol e nas tintas das flores!

É elle que, esboçando as auroras nas trevas,  
Na moldagem brutal, multiforme dos todos,  
Vindo dos embryões, das cellulas primevas,  
E das germinações vibrionarias dos lodos,

Attinge a perfeição das curvas primorosas!  
E, a inspiração da fórmula, afinal, se adivinha,  
No traço modelar das boccas e das rosas,  
Onde brilha, onde canta, o sorriso da linha!

Esse cantico ao luar — que em preludio estupendo,  
Em surdina, em adagio, ás vezes principia,  
E augmenta, a pouco e pouco, em allegro, em crescendo,  
Em scherzos orchestraes, como uma symphonia —

São suspiros de amor, são fremitos constantes,  
São arquejos febris e murmurios secretos,  
Que vêm do coração de todos os amantes,  
Dos grandes animaes aos minimos insectos!

Para amar e morrer, os lirios e as phalenas  
Duram, na eternidade, um só dia no mundo:  
Nascem para viver meio minuto apenas,  
Vivem para se amar apenas um segundo!

Gloria a ti! gloria a ti! creador do universo!  
Que em tua phantasia, apaixonada e louca,  
Pões o meu coração pulsando em cada verso,  
E o meu beijo a cantar na flor de cada bocca!

O Poeta reproduz as multiplas saudades:  
Sua alma integraliza as dores e os prazeres,  
Concentrando e fundindo, através das edades,  
As varias attracções das cousas e dos seres!

O Poeta é o Deus do Amor! É o Amor infinito!  
Porque o rhythmo que rege os planetas diversos,  
Obedecendo em tudo a um principio inaudito,  
É o mesmo que regula a cadencia dos versos!

Minh'alma é a cathedral! é o templo da Belleza!  
Em cujo enorme náos, por abobadas de ouro,  
De toda a humanidade e toda a natureza,  
Resoam, longamente, os amores em côro!

E, interpretando o Amor, si sorrio ou si choro,  
Na amplitude coral das estrophes nos poemas,  
Dentro da creação, "como um echo sonoro",  
Repercuto, sonhando, as musicas supremas!

*As minhas últimas estrophes são maravilhosas de  
entusiasmo e beleza. Para é que o todo não se  
regularize por essa parção; antes seja vulgar,  
vulgarissimo e mil vezes redito.*

*O P  
me  
e p*

## Sonata Apaixonada

Ó Mar! Poeta do Amor! meu velho e triste amigo:

Quero, secretamente, em palestra contigo,

Contar-te a minha dor...

Porque, pulsando em mim teu coração de oceano,

Só tu compreenderás o desespero humano,

De viver sem amor!

Amas, meu pobre Irmão, com o mesmo ardor com que amo.

Choras, como eu também, que, em segredo, reclamo

A benção de um olhar!

Dessa que é, como a lua, indiferente e fria...

E que jamais calculará nossa agonia,

Porque não sabe amar!

*O Pensará acaso o poeta que pela primeira  
vez diz "Ele de uma mulher "indiferente  
e fria"? Manias de todos os românticos!...*

A perenne oração que consagras á lua,  
É inutil porque — ó Mar! ella não será tua...

Nem ao menos siquer,  
Tão distante de ti, teu supplicio adivinha.  
Porque ella é como alguem que nunca ha de ser minha,  
Sendo estrella e mulher!

Quando, abrandando a voz dos teus fundos pesares,  
Vês, ao longe, brilhar na planicie dos ares,  
A fimbria do seu véo,  
Esperas, a fremir, que ella apenas desponte,  
E tentas, a galgar os degraus do horisonte,  
A escalada do céu!

E eu tambem, como tu, si por acaso a vejo,  
Num doce olhar que sae dos olhos como um beijo, <sup>11</sup>  
Na mesma adoração,  
Creio — e com que temor! e com que sobresalto!  
Que este infinito azul é tão puro e tão alto,  
Que foge á nossa mão!

*(Do mesmo olhar que sai como um beijo da pupilla do meu  
Bilac no "Bayador das esmeraldas".)*

E é por ellas que nós, em noites perfumadas,  
Cantamos, loucamente, as eternas balladas,

Sob os floreos balcões...

Eu, tão cheio de ideal, tu, tão cheio de orgulhos,  
Confundindo no amor os versos e os marulhos

Dos nossos corações...

Por ella, a enthesourar fortunas e fortunas,  
Escondes nos parceis, nas syrtes e nas dunas,

Teu fausto nupcial!

E vais buscar na foz as riquezas dos rios,  
Que trazem dos sombraes, remotos e bravios,

A gloria florestal!

Na tua aspiração fabulosa, insensata,  
Reproduzes o luar nas espumas de prata,

E o céu nos mesmos tons;

Pões um astro a fulgir em cada grão de areia,

E deixas cada concha equoreamente cheia

De prismas e de sons!

Tu, na brancura das maretas e madrias,<sup>(1)</sup>  
 Accendes faiscações, como nas ardentias,  
 De minusculos sóes;  
 Derramas a granel por sobre as tremulinas,  
 Escravonetas, esmeraldas, turmalinas,  
 Prasios e gran-mogóes!

Eu, nas palavras, nas estrophes que burilo,  
 Faço o verso radiar como um chrysoberyllo,  
 No qual se reproduz,  
 Entre as combinações das syllabas preciosas,  
 Variando os semitons das vogaes primorosas,  
 A harmonia na luz!

*Que madeira!!!*

Ha millenios, talvez, soffres esta amargura;  
 Ha dez annos, secreto, este amor me tortura;  
 E assim vivemos nós:  
 Das lagrimas da lua as perolas tu fazes,  
 Como eu, rimando, faço a musica das phrases  
 Do som de sua voz!

(1) Encapelamento das ondas. Ondas que formam  
 carreiradas.

(1) Q  
 (2) su

Por sua indiferença é que tu te revelas,  
Duplamente leão e chacal nas procellas,  
Prometheu-Caliban! <sup>(2)</sup>  
Louco e rouco, a bramir nos crespores das follas, <sup>(1)</sup>  
Regougante e minaz, te encapellas e rolas,  
Numa colera van!

Porém si, na borrasca, entre o zimbro e a salsugem,  
Quando os teus vagalhões aos rebombos estrugem,  
Num fragor de calhaus,  
Um naufrago, ao morrer, o seu nome implorasse,  
Talvez a invocação desse nome acalmasse  
Os teus impetos maus!

E embalando esse corpo ao som de cantilenas,  
Leval-o-ias, feliz, ás paragens serenas  
Do teu seio sem fim...  
E fal-o-ias viver no remanso das praias,  
Ou na cidade de Is, ou na gruta das Nayas,  
De perola e marfim!

*man*  
*(1) O marulho de ondas*  
*(2) surge mais uma vez Prometeu! Já não tem.*

Porque tu que és brutal muitas vezes, no entanto,  
Em plena calma, abafando o teu pranto,  
Bem diverso tu és:

— Glauco, o manto talar humillimo roçagas,  
E vens, rojado ao chão, no rastejo das vagas,  
Para beijar-me os pés...

Emfim, já que é perpetuo o teu amor profundo,  
Faze versos, Irmão... Espalha pelo mundo  
Teu grande coração!

— Porque dizer em verso o que a nossa alma encerra,  
É o consolo melhor que existe sobre a terra,  
Para nós, meu Irmão!

*«Ninguém entende, embora,  
ére hayo clamar, marulho ou verso,  
que aei da tua solidão nas praias,  
que aei da minha solidão na vida...  
que imparta? Pilre no ar, acorreu os ecos  
e embale nos a nos que o murmuramos...  
verso, marulho ou verso confidente,  
do mesmo conto que se lembramos aos versos!» V. de Carvalho*  
*Além do poeta stavrita, com muito menos inspi-  
ração e beleza, ainda que com mais retumbância  
e júbilo, o V. de Carvalho fez a "Temura do mar" e  
das "Palavras ao mar" de sublimes e eternos versos.*

## Canção perpetua

Sempre, sempre eu te amei, nós sempre nos amámos :  
Si olho a noite, adivinho a estrella em que habitámos,  
Pela primeira vez, numa vida anterior : (1)  
Quando, ansiosos, no espaço, enfim nos encontrámos,  
Nesse mundo inicial, paraíso do amor.

Sempre, universalmente, eu amei, tu amaste.  
Foste o céu; fui o mar sobre o qual te espelhaste,  
Formando um outro azul com teu alto esplendor !  
Sem saber que a illusão que tu mesma creaste,  
Naquelle céu terreno, era o teu proprio amor !

(1) O A. continua com as suas paranóias  
ideias de que tempo... Ai!

E enquanto a natureza em nós se transformava,  
Desta eterna paixão perpetuamente escrava,  
Fui a flauta talvez do primeiro pastor...  
Triste quando esquecida, e feliz se cantava,  
Porque a sua harmonia eras tu, meu amor!

Quem sabe si, incarnando a forma que resume  
O sonho na materia, em meu eterno ciúme,  
Eu não me transformei num roseiral em flor...  
Do qual tu fôste, um dia, o secreto perfume,  
A essencia do meu ser, a alma do meu amor!

Nos ardores da luz, nas sombras confundidas,  
Nos perfumes, nos sons, constantemente unidas  
Entre as combinações primaveris da côr,  
Nossas almas, sentindo a communhão das vidas,  
Existiram outr'ora, eternizando o amor!

(1) 11  
dij  
exp  
obre  
no f  
bica  
ma  
miv

Dentro do coração de todos os amantes,  
Onde houve sobre a terra, em épocas distantes,  
Um abraço fremente, um beijo triumphador,  
Queimou, fundiu num só dois corpos palpitantes,  
A aurea chamma solar do nosso immenso amor!

Sim! nós somos o Amor! Si ás vezes abraçados  
Relembramos, sonhando, os amores passados,  
Desejamos morrer com anseio e fervor:  
Porque vemos, depois de multiplos noivados,  
Que é cada vez maior o nosso eterno amor!

— E assim, amando sempre, afinal chegaremos,  
Obedecendo ás leis dos mysterios supremos,  
A' serena amplidão do seio creador!

— E no Além, no Nirvana<sup>(1)</sup>, em pleno Azul, seremos,  
Por toda a eternidade, o infinito do Amor!

(1) « Já me faltava este experimento como tu  
diz o outro! Quando pela primeira vez, o A,  
explanou ideas de metempsicose, de muitas  
observações, occorreu-me a idea de apurar que  
já faltava ao poeta o embasamento de teorias  
buddicas, que tam em moda se acham! Fij  
qual em não o dizer. Sentires aqui está o  
Nirvana! Viva o Nirvana! e Purva! e o carnaval!!!

## Madrigal de Don Juan

Tua bocca parece uma rosea corolla,  
De onde, como um olor, a musica se evola...  
Cadenciado, em balanço, o teu andar é quasi  
Aereo. Todo o teu corpo é uma renda de gaze...  
Lentamente, harmonioso, o teu passo deslisa,  
Como um véo que ondulasse á caricia da brisa...  
Tens o claro perfil de um lirio, esbelto e loiro,  
Burlado a primor sobre um relevo de oiro...

Tu me fazes pensar nos ourives artistas :  
Poetas á Marivaux, pintores, esmaltistas,  
Que bordam madrigaes e rondeis adoraveis,  
Entresachando em seda as rimas impeccaveis ;  
E, ao sabor de Watteau, pintam a musselina,  
O tecido lunar do véo de Colombina ;  
Que, amando a perfeição, procuram em resalte,  
Num fundo de marfim, num concavo de esmalte,  
Dar, num traço, a expressão de um olhar que sorrisse...  
Sonho de Popelin ou de Froment-Meurice...  
Em Versalhes, surgindo entre as moitas de rosas,  
No jogo multicôr das fontes luminosas,  
Erguem-se, esguios no ar, brotando de entre os buxos,  
Os liquidos hastis dos fulgidos repuxos.  
Ao longe, no Trianon, de um dos cravos de outr'ora,  
Escuta-se um minuete. E, na espiral sonora,  
Dessa galante, alegre e linda melodia,  
Appareces ao som da leve phantasia,  
Que o mestre Couperin fere sobre o teclado,  
Sorrindo entre os bandós do cabelo empoadado,

Vestida á Pompadour e em posição de dansa,  
Á maneira gentil das rainhas de França !  
Modelo espiritual de madona ou princesa,  
Musa suave e subtil da graça e da belleza !  
Incomparavel flor ! — porque te debruçaste  
Sobre o meu coração, e emmurcheceste na haste ?  
Tu, que foste a mais pura entre todas as flores,  
Que ao acaso colhi, desfolhando os amores ?  
Viveste um só minuto em minhas mãos frementes,  
E murchaste ao calor dos meus labios ardentes...  
Ingrato, como sempre, eu te amei por costume,  
E esqueci-te depois de aspirar-te o perfume...  
Sou como alguém que visse espelhar-se uma estrella  
No abysmo de um paul, e deslumbrado ao vel-a,  
Mergulhando no lodo em que essa luz se inflamma,  
Levantasse na treva as mãos cheias de lama !  
— E que os olhos fechando, e no horror de perdel-a,  
Continuasse ainda a ver essa longinqua estrella !  
Cego pela paixão de uma mulher sonhada,  
Subo, louco de amor, os degraus de uma escada

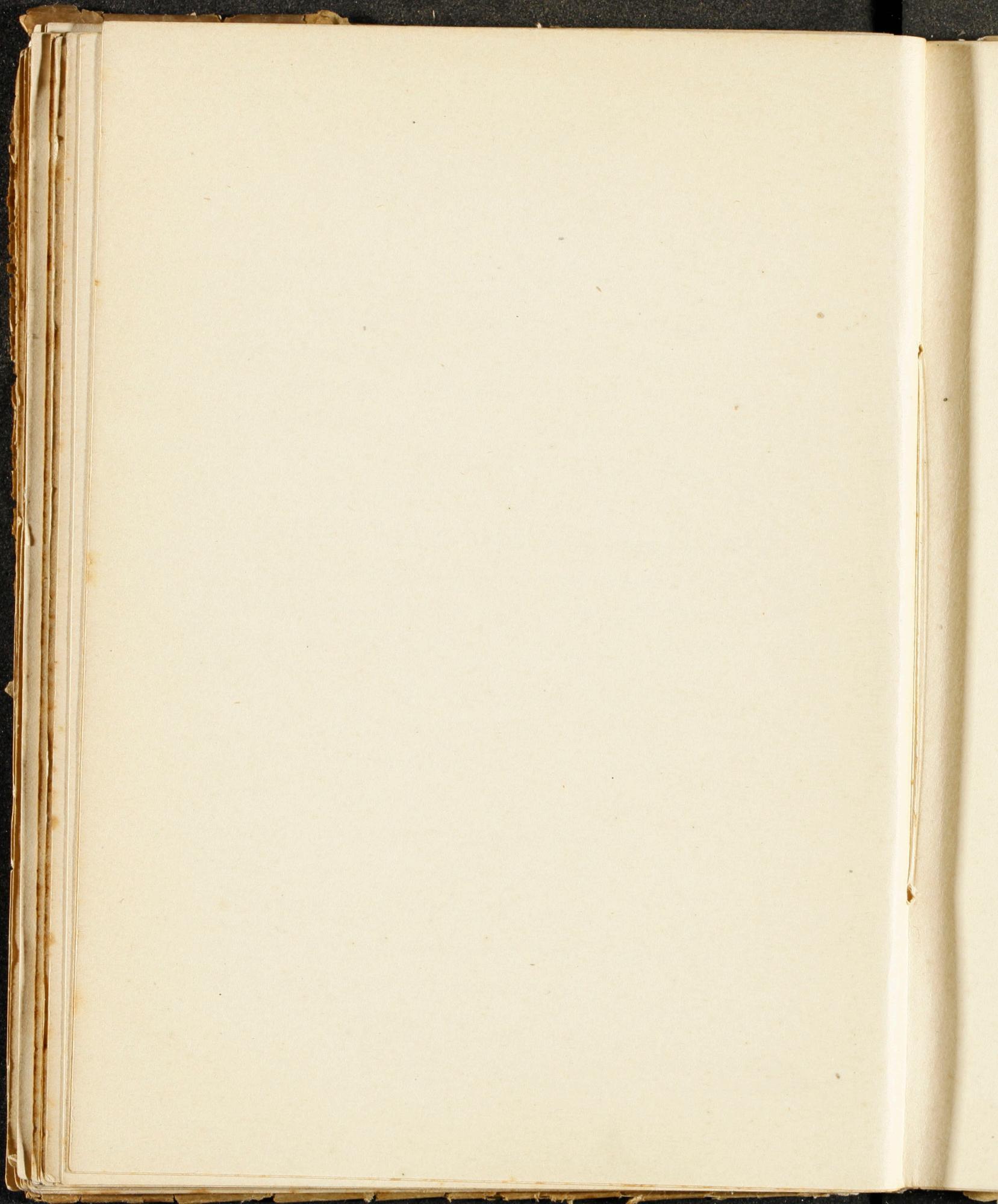
Feita de corações, na esperança suprema  
De conquistar ao fim dessa ascensão extrema,  
Lá em cima, no limiar da resplendente altura,  
A imagem modelar que em meus sonhos fulgura !  
Quero, incessantemente, alcançar o impossível !  
Tenho a dor do ideal, a ansia do inatingível !  
E pela perfeição, que ainda encontrar não pude,  
Injurio o pudor e profano a virtude !  
Illumina-me a fé, abrasa-me a certeza  
De que hei de achar na terra a divina beleza !  
Vivo da aspiração de contemplar, um dia,  
Na carne da mulher o esplendor da poesia !<sup>(1)</sup>  
— E o castigo maior do desespero humano,  
E' o que eu soffro, ao possuir cada mulher que engano :  
Porque sinto, depois do seu primeiro beijo,  
Que a sua bocca em flor não me aplaca o desejo !  
— E assim, mentindo sempre, em minha angustia insana,  
Quem se illude sou eu, pois ella é que me engana !  
Mas, sem desanimar, dominando o destino,  
Eterno seductor do eterno feminino,

(1) pg 33:  
"como mármore da carne o esplendor de Afrodite"

— Seja embora infernal o martyrio futuro,  
 Hei de enfim conseguir aquella que procuro!  
 A sombra que me foge, e persigo incansavel!  
 O symbolo immortal da belleza impeccavel!  
 A Satania do amor que os meus versos anima!  
 Por quem lapido, obscuro, o diamante da rima.  
 Hieratico, no altar da estrophe que componho,  
 Por seu louvor celebro a Arte pura, em meu sonho!  
 E nesta adoração, quebro, torno em pedaços,  
 As cadeias sensuaes de todos os abraços!  
 Amo sómente o Amor! E, na minha loucura,  
 Ouço, Ahasverus-Satan, tua voz que murmura:  
 “Tentas galgar o céo. Nos idolos que beijas,  
 A alma nunca acharás daquella que desejas.  
 A visão que, através dos remorsos, tu viste,  
 Jamais alcançarás, porque ella não existe.  
 Maldito sejas tu, sonhador desvairado,  
 Alma cheia de sol e negra de peccado,  
 Que, ao sereno prazer do meu beijo, preferes  
 A tortura de amar a todas as mulheres!”

*Um lindissimo poema. O temperamento  
 impetuoso e sensual do poeta encontrou a  
 sua consagração numa forma e numa idea  
 que se combinam, fazendo valer uma a outra.  
 Não que elle se debenda as inclinações e appeti-  
 tos! Mas, no esplendor — palavra cara ao poeta  
 e a muitos poetas modernos — deste venoz res-*





## Canção Discreta

Eugène Manuel

Guarda em segredo, só contigo,  
Um certo nome de mulher,  
Que não se diz nem a um amigo,  
Seja o melhor que se tiver.

Nem a uma flor, nem a uma estrella  
Digas quem é o teu amor,  
Que poderão compromettel-a  
Tanto as estrellas como a flor.

Quando dormires, sê prudente :  
Pensa que alguém te pode ouvir :  
Durante o somno, de repente,  
Fala-se ás vezes sem sentir...

Mesmo na extrema despedida,  
Não o confesses a ninguém :  
Sendo indiscreta como a vida,  
A morte illude-nos tambem...

E eu, que aconselho este impossivel  
De o não deixar nem perceber,  
Constantemente, irreprimivel,  
Tenho o desejo de o dizer...

Por mais que o queira ter secreto,  
Sinto trair-me o coração...  
E é porque devo ser discreto,  
Que não termino esta canção...

## Sonho de um dia de Primavera

Quando eu morrer, quero sómente  
Ter uma campa toda em flor...  
Nella um rosal sobrevivente  
Immortalize o meu amor...

Porque o meu ultimo desejo  
É que esse tumulo risonho,  
Tendo o silencio para o beijo,  
Seja um recanto para o sonho.

Para que um dia uns namorados,  
Vendo esse ninho encantador,  
Nelle, escondidos e abraçados,  
Venham falar do seu amor...

Essa é a homenagem mais querida,  
Essa é a ventura mais secreta,  
Que pode ter a alma florida  
E apaixonada de um poeta.

Bem dita seja a minha sorte  
De enamorado sonhador,  
Si acaso eu for, depois da morte,  
A alegre sombra de um amor.

Das recompensas gloriosas,  
Essa é a mais íntima e sincera:  
O amor não vive, como as rosas,  
Um dia em cada primavera!

Tudo se acaba neste mundo...  
A vida é apenas uma flor...  
Mas, no infinito de um segundo,  
O amor é sempre o eterno amor!

## Religião

Creio que Deus foi inspirado  
Pelo ideal de um grande amor!  
E, como um Poeta apaixonado,  
Fez a mulher e fez a flor.

Fez, completando a obra divina,  
Para ser justo em seu mister,  
Da rosa, a carne feminina,  
O lírio, da alma da mulher.

Vivem na terra confundidas  
Essas imagens ideaes,  
Ambas formosas e queridas,  
Mas tão diversas, sendo iguaes...

Pois nem o lirio, nem a rosa,  
Tem esse encanto singular,  
Essa expressão maravilhosa,  
Que ha no sorriso de um olhar!

Oh! a mulher é incomparavel!  
Não tem um simile siquer!  
É indefinivel e adoravel!  
É mais que a flor, porque é mulher!

Ella é a suprema inspiradora!  
Ella é a suprema adoração!  
E creatura, e creadora,  
Ella é maior que a criação!

Les parfums, les couleurs et les sons se répondent

Ha para as almas requintadas  
Dos sonhadores mais subtis,  
Certas imagens delicadas  
Como a surdina de um matiz.

Nas alianças dos sentidos  
Ha certas musicas do olhar...  
E os beijos são, para os ouvidos,  
Como um olor do paladar.

Devido a taes correspondencias,  
É que se diz que cada flor,  
No colorido das essencias,  
Tem o perfume igual á côr...

Só para as almas dos esthetas,  
Que têm fluidicas visões,  
Existem essas tão secretas  
E extraordinarias sensações.

Embora a vida se revele  
Concretizada para os mais,  
Só elles têm, á flor da pelle,  
Esses mysterios cerebraes.

Vendo, através dos invisiveis,  
O mundo sobrenatural,  
Tornam plasmaveis e tangiveis  
As maravilhas do ideal.

É por um dom de fina argucia,  
 Que elles conseguem exprimir  
 Certas bellezas da minucia,  
 Que raros podem presentir.

Só elles veem que irradia,  
 Pois são espiritos de escol,  
 Uma irial polychromia  
 Na luz monochroma do sol.

Sendo inspirados, entretanto,  
 Vendo uma flor que se orvalhou,  
 Como si fôra o nosso pranto,  
 Pensam que á noite ella chorou...

*A canção acaba choca e tola. O que nada impede quasi que seja tam linda como as tres anteriores, que figurarão, sem duvida, entre as folhas de maiar quilade que o poeta trabalhou. M. Fontes é autor de tudo um cantador entusiasmado. O Troveiro destas quatro canções fez só como elas uma obra de muito mais valor que o poeta das "Palavras românticas". E diga-se mais que o A. trabalha tam bem o octosyllabo como o decassyllabo e o alexandrino.*

## Simplicidade

Chove. Sombra e silencio. Que saudade  
No coração vasio...

Ha na minh'alma a dubia claridade  
Deste dia sombrio.

Pelos humidos vidros das janellas,

Baços pela friagem,

Vejo a danza das folhas amarellas,

Ao balanço da aragem.

e nad  
como  
devida,  
e tudo  
eiro  
as un  
a gl  
as que  
ho como

Acaso eu amo, para soffrer tanto  
Esta magua profunda?  
E olho cair a chuva, como o pranto  
Que os meus olhos inunda.

A alma, deserta. A estrada, erma e tristonha.  
E recordo o passado,  
No vago mysticismo de quem sonha  
Um sonho abandonado...

Invade-me a tristeza indefinida  
Que paira no ar, lá fóra...  
Penso numa mulher, quasi esquecida,  
Que muito amei outr'ora.

A aria da chuva, tremula, de leve,  
Tamborilando passa.  
E, docemente, a minha mão escreve  
Um nome na vidraça...

Brilham as letras, vivas, irisadas  
De ephemeris cambiantes,  
Mas, em perolas finas transformadas,  
Escorrem gottejantes...

E o coração, no carcere do peito,<sup>(1)</sup>  
Ouço de quando em quando  
Soluçar, vendo, em lagrymas desfeito,  
Esse nome chorando...

Fria, de cada syllaba pendente,  
Uma lagryma desce...  
E eis que o nome se apaga lentamente ;  
Por fim, desaparece.

Tudo, tudo na vida brilha e passa,  
Miragem de um momento,  
Dando a impressão de um pouco de fumaça  
Sobre as asas do vento...

*(1) Estava quasi certo de ter lido isto algures,  
mas não me lembro onde. Aliás toda  
a poesia dá uma impressão de vira pé  
linda e milhar fá-lo mudar. Deu o nome  
de "Simplicidade" para... "Vulgaridade."*

Tu és como este céu, cinzento e triste,

Ó minh'alma viuva!

Tens a mesma tristeza que sentiste

Na musica da chuva.

## Canção do luar, cantando ao sol

I

Nós deliravamos, querida.  
O nosso amor era tão forte,  
Que ambos, nos extasis da vida,  
Pediamos a morte.

A tua pelle me queimava!  
Todo o teu corpo era um vulcão!  
Effervescente, ardendo em lava,  
Tinhas o coração.

E, allucinado por teu beijo,  
Á hora estival do meio dia,  
A tua febre o meu desejo  
Satanico accendia.

Sob os effeitos da loucura,  
Glorificavamos o amor!  
Numa infernal temperatura,  
Nos éstos do calor.

Na excitação do mesmo anseio,  
Tu te entregavas como louca...  
— E eu te beijava as mãos e o seio,  
As palpebras e a bocca.

Escorregavas do meu braço,  
Pallida, languida, sensual...  
Entorpeciam-te o cansaço  
E o calor tropical.

Incendiando a nossa casa,  
Da côr do teu cabelo louro,  
A luz fulgia! O sol em brasa  
Era uma chamma de ouro!

II

Subito, um canto de violino,  
Vindo de longe, paira no ar.  
Um lento som, gelido e fino,  
De serenata ao luar.

Era um Nocturno... Ao sol do estio,  
Dessa canção o vago arpejo,  
Principiou num calafrio,  
E terminou num beijo.

Meu coração férvido estua.  
Olhas-me sofrega e febril.  
E eis que resurge, á luz da lua,  
O preludio subtil.

Tremula e triste, a voz ignota  
Daquella musica tão leve,  
Dava a impressão de cada nota  
Ser um floco de neve...

Sonho da patria das balladas,  
Aria de um principe infeliz...  
Lenda romantica das fadas  
De um brumoso país.

E nós amavamos... Ao peito,  
Incontentavel, me estreitaste!  
Como era calido o teu leito,  
Nesse doce contraste!

E a voz chorava, ao luar de prata,  
Labil<sup>(1)</sup> de leve, ao longe, além...  
E, ao terminar a serenata,  
Choravamos tambem.

(1) Que encorrega facilmente. Pra. Transitorio.

III

Amei-te muito e fui amado...  
Mas desse amor o que hoje sinto,  
É que elle jaz no meu passado  
    Como um vulcão extinto.

Delle, si o sonho me transporta,  
Resta-me a doce evocação  
Desse luar da noite morta,  
    Num dia de verão.

## Romance

Noite de inverno, alvissima, impolluta,  
De um luar feito de perola e de prata.  
Abre a janella, meu amor... Escuta  
A minha serenata.

No encantamento do jardim gelado,  
Teu pagem canta um triste ritornello...  
(O velario lunar é um cortinado,  
Que envolve o teu castello).

(1) Du

Somnambulo, entre as sombras silenciosas,  
Vago, errante, nos claros da alameda...  
E, das folhagens, do balcão de rosas,  
Pende a escada de seda.

Trago um chapéo de plumas, e a guitarra  
Canta em meus dedos como o rouxinol...  
Tenho a feição, romantica e bizarra,  
De um fidalgo espanhol.

Na volupia da noite embalsamada,  
Ouves esta dulcissima canção?  
É o lendario preludio da ballada  
Funesta de Dom João.

Treme, freme a guitarra corda a corda...  
Que enamorada e pura melodia!  
Ouve, Julieta. Abre a janella, acorda.

O luar parece dia.

*Abre a janela! Acorda!  
Que ab por te acordar,  
Vou despianda a sui terra, corda  
Ja corda,*

*Ao luar  
Bilac*

É a belleza da noite que me obriga  
A confessar-te esta paixão secreta,  
Este scenario de ballada antiga,  
No meu sonho de poeta.

A brancura opalina da neblina,  
Tornou-me pallido e transfigurou-te:  
Boa noute, formosa Colombina.  
— Ó Pierrot, boa noute!

Cobre-me inteiramente o peito e as costas  
A armadura nupcial de Lohengrin,  
De claras placas, como superpostas  
Escamas de marfim.

Inebriantes, madidos olores,  
Nas romanzeiras e nos roseiraeas,  
Saem das boccas humidas das flores  
Em tenues espiraes...

Dentro da gaza do luar supponho,  
 Na embriaguez de um mystico desejo,  
 Que vou colher, no lirial do sonho,  
 A rima do teu beijo...

De que pelucia de camelia albente,  
 De que velludos virginaes e frios,  
 Fizeste a pelle branca e rescendente  
 Dos teus braços macios?

Amo-te. Abre a janella. Não demora  
 A sorrir a alvorada no Levante.  
 Não tarda, meu amor, que, á luz da aurora,  
 A cotovia cante. (1)

A via-lactea pelos ares, pela  
 Noite fulgura como um grande altar!  
 Eu te amarei no seio de uma estrella,

Sobre o clarão do luar...

(1) Era natural que o poeta brasileiro viesse a falar de cotovia. Não ha poeta brasileiro que o não faça desde que haja luar e um balcão florido dum corpo de mulher. Shakespeare — ao menos este é immenso — e franceses e gregos e espanhóis e turcos e persas continuam, e quicá continuarão eternamente a estar pees a inspiração indigeira.

Subo a escada que pende da janella...

Salto o rebordo do balcão em flor...

— E assim termina a pagina mais bella

Do romance do amor.

## Poesia

Fulgida, fluida cae do céo,  
A gaza diaphana de um manto.  
O luar parece um véo  
De mica e de amianto.

Graves, serenos, suaves sons  
Cantam ao longe em vozes finas:  
Em preludios e tons  
De mysticas surdinas.

Thuribulo primaveril,  
A brisa deixa no ar suspenso,  
Um perfume subtil  
De lirios e de incenso.

Contemplativo e sem amor,  
Maravilhado e sem desejo,  
Sinto o gosto de flor  
De um mysterioso beijo.

Na minha doce embriaguez,  
O aroma, os sons, as côres, tudo  
Tem a leve maciez  
Da neve e do velludo.

Neste monastico jardim,  
Silenciosamente tristonho,  
Paira deante de mim  
A sylphide do sonho.

Ó vaga e pallida visão  
Feita de nevoa sobre o vento!  
Exteriorisação  
Do proprio pensamento...

Psyché purissima do luar,  
Seraphita das almas tristes,  
Vivo para te amar,  
Porque tu não existes.

*Estes versos, em toda decadente, são d'ouros e lindos. O paez e realmente um bom poeta.*

## Ouvindo Schahrazade

Era uma vez um certo espelho de magia,  
Conta uma lenda oriental,  
Que embellezava tudo quanto reflectia,  
Porque era o espelho do ideal.

Assim teu corpo é para a minha phantasia,  
Como esse limpido crystal:  
De toda a parte onde tu passas, irradia  
Um brilho sobrenatural.

Era uma vez um certo lirio dos caminhos,  
Que, na apparencia, tinha multiplos espinhos,  
Como a tu'alma, meu amor...

Mas escondia, no seu calice tristonho,  
Um fino aroma que inspirava como um sonho,  
Porque era um symbolo essa flor.

## Sonho Parisiense

Baudelaire

Dessa terrível paisagem, *4 sílabas!!!*  
Que esta manhã me deslumbrou,  
Guardo, longínqua e vaga, a imagem  
Que o humano olhar jamais sonhou.

Que somno cheio de magia!  
Por um capricho singular,  
No espectáculo não havia  
O vegetal irregular.

Pintor de genio! impressionante,  
No quadro sobrenatural,  
Me seduzia a inebriante  
Monotonia mineral.

Palacio de aureas columnatas,  
Irradiava esse painel,  
Entre as piscinas e cascatas  
De uma phantastica Babel.

As cataractas em torrente,  
Em colgaduras de crystal,  
Erguiam-se pesadamente  
A altas muralhas de metal.

Viam-se Nayas gigantescas,  
E de belleza modelar,  
Mirando-se nas aguas frescas  
De um grande tanque circular.

A agua, em lençoes azues, corria  
Por verdes e roseos canaes.  
E, por milhões de leguas, ia  
Rolando as correntes caudaes.

Havia pedras refulgindo,  
De um modo que se não traduz!  
Grandes espelhos reflectindo  
As ondas magicas da luz.

Tristes, morosos Ganges de ouro,  
Por céos de esplendido matiz,  
Vazavam-se num sorvedouro  
De diamantes e de rubis.

Architecto das phantasias,  
Fiz, abafando a sua voz,  
Sob um tunnel de pedrarias,  
Passar, domado, um mar feroz.

Crystallizada, ardendo em lava,  
A agua era rutila e febril.  
E o proprio negro scintillava,  
Tendo tons lucidos de anil.

Nem uma estrella, nem vestigios  
Do sol occulto no nadir.  
Incendiavam-se os prodigios  
Na propria luz a refulgir.

Caso terrivel, inaudito :  
Ferindo o olhar, o ouvido não,  
Pairava um silencio infinito  
Nessa constante agitação.

## II

Quando acordei, depois da calma  
Do meu sonho deslumbrador,  
Senti, reentrando na minh'alma,  
As miserias do meu horror.

Plangia funebre e profundo  
 O meio dia. E, sepulcral,  
 Sobre o torpor triste do mundo,  
 Descia a treva funeral.

Não se percebe bem se o poeta quis fazer  
 traduções ou paráfrase. Ora é tradução e  
 ora é paráfrase. Algumas vezes mesmo o  
 tradutor é "tradittore" não attingindo expressar  
 a idea do cultor das flares do mal. Baudelaire  
 diz em primeira quadra: «De ce terrible paysage,  
 que j'aimais tant mortel me mit,  
 ce motif encore l'<sup>image</sup>~~image~~  
 vague e lointaine me ravit.»

Ai o tradutor trae o pensamento do traduzido.  
 Baudelaire ainda de outra guarda a imagem  
 do sonho da noite; para su. Fontes, o sonho des-  
 lumbrado fa de outra. Mas traduzir com toda  
 exactidão é difficilissimo e porventura impossivel. O  
 poeta mostra mesmo habilidade no traduzido  
 para o novo idioma o curioso poema francês.  
 Os defectos são apenas inconsciencia, insignifi-  
 cantes. A terceira quadra até está melhor  
 em português que o original:

«La pendule aux accents funebres,  
 sonnait brutalement midi.  
 Et le ciel versait des lènetres  
 sur ce triste monde engourdi.»

## Tristeza da Lua

Baudelaire

Hoje, a lua a sonhar, mais pallida e mais fria,  
Tem, reclinada sobre os coxins sideraes,  
O languor feminil de quem acaricia,  
Antes de adormecer, os seios virginaes...

Sobre o fofo setim das nuvens desmaiada,  
Nos céos, passeando o olhar, vê surgirem visões,  
Que, argenteas, no pallor da noite illuminada,  
Ascendem para o azul como alvas florações...

Quando ás vezes na terra, amorosa e discreta,  
Ella deixa caír uma gotta de opala,  
Uma lagryma irial de tons de catasol,

Sobre a concha da mão, um noctambulo poeta  
Toma-a, para, furtiva, ir piedoso guardal-a  
Dentro do coração, escondendo-a do sol.

*Aqui tambem a traducção é boa, embora  
por vezes muito livre.*

## Ballada dos sons velados

Amo nos versos a surdina,  
Os tons de opala oriental  
Do luar das noites de neblina,  
As mortecôres de um vitral.  
Quero que o verso seja tal,  
Que em cada som tintinabule,  
Tornando a phrase musical  
Como a canção do rei de Thule.

Mesmo na estrophe alexandrina  
Ampla, sonora e triumphal,  
Sinta-se bem que predomina  
O semitom de uma vogal.  
Nunca, de modo desigual,  
Haja uma rima que estridule.  
E seja o verso natural  
Como a canção do rei de Thule.

O verso é a concha nacarina  
Que a enorme voz do vendaval,  
Doce, subtil, longinqua e fina,  
Repete em echos de crystal.  
Embora, negro e funeral,  
Rouco e bramante, o mar ulule,  
Cante essa concha de coral  
Como a canção do rei de Thule.

## OFFERTA

Ó cavalleiros do San Graal!  
Que o verso seja um véo que ondule...  
E evoque a imagem ideal,  
Como a canção do rei de Thule.

## Nix et Nox

Gelido abandono...  
Vae tão longe o outomno...  
Resta o frio eterno  
Do inverno.

Pela noite calma,  
Como na minh'alma,  
O luar se eleva  
Na treva.

Alva, leve, leve,  
Cae lá fóra a neve...  
Nem um som suave  
De uma ave.

A arvore despida,  
Sem o sol na vida,  
Chora esta viuva,  
    Á chuva.

Paisagens vagas  
Das polares plagas,  
Plumbeos céos nevoentos,  
    Cinzentos.

Diaphanos vapores,  
Fluidicos palores,  
Penumbras e aspectos  
    De objectos.

Manchas de confusas  
Tintas, de diffusas  
Sombras desmaiadas,  
    Aguadas.

Paira sobre o mundo  
O languor profundo,  
Que o luar de opala  
    Exhala.

Como essas paragens,  
Ha certas imagens  
Cheias de sidereo  
Mysterio,

Que a expressão mais viva,  
Representativa,  
Nem siquer de leve  
Descreve.

A palavra humana,  
De pesada, empana  
A finura extrema,  
Suprema,

Desses nebulosos,  
Vagos tons brumosos,  
Que ha em certos sonhos  
Tristonhos.

As alvuras frias,  
Como as melodias  
De subtis e finas  
Surdinas,

Dão-me a idéa de uma  
Renda, penna ou pluma  
Que, á mercê da brisa,  
Deslisa...

A canção perenne  
De uma voz solenne  
Longe se levanta,  
E canta.

Bronzeo orgam sonoro,  
Eu te escuto e choro.  
Mystica, a saudade  
Me invade.

Este som de um sino  
Lembra o meu destino,  
Tão diverso agora  
De outr'ora.

Fumo. Na fumaça,  
Azulada e baça,  
Vejo uma indolente  
Serpente.

Serpe do peccado,  
Dá-me um corpo amado,  
Que me aperte ao peito,  
No leito.

Aquella que eu amo,  
Surja no recamo  
Da espiral sem rumo  
Do fumo.

E o fumo, nos ares,  
Forma singulares  
Figuras de extranhos  
Tamanhos...

Dentro do nevoeiro,  
Vejo um corpo inteiro:  
Uma sombra nua  
Fluctua...

No desenho claro,  
Seu perfil encaro,  
Mal velado pelo  
Cabello...

Na volupia morna,  
Que o olhar transtorna,  
Esse corpo enlaço  
    No espaço.

E a espiral balança,  
A serpente dança,  
E se vae diluindo,  
    Fugindo...

E vaporizada,  
Volatilizada,  
Torna-se imperfeita,  
    Desfeita.

A nortada corta  
Pela noite morta:  
Sinto um arrepio  
    De frio.

Guaia o vento, enquanto  
Bategas em pranto  
Rolam como um choro,  
    Em côro.

Ha  
que a  
as la  
Invol  
men  
uma  
m de  
hãya  
ria  
ous  
arri  
ou a  
nada

Na soturnaurnaurna  
 Da amplidão nocturna,  
 Funda catacumba,  
 Retumba

O trovão, e echoa,  
 Rabido reboa,  
 Em atrôos roucos  
 E ocos.

Chora a natureza.  
 Tédio com certeza,  
 Neste choro triste  
 Existe.

Que melancolia!  
 Que monotonia!  
 Symboliza esta agua  
 A magua?

Estado é sublime. Não há nada no nosso lingua  
 que atinja a triteza suave, a melancolia saudosa,  
 a languida monotonia de certos estrofes. Meu autismo  
 sobre a ouve ser amavelmente triste assim. E real-  
 mente, não há negar que a palavra expressa a poesia  
 uma grandiosissima parte do seu valor, principal-  
 mente em gêneros como este. E aqui é que se nota a  
 força e a beleza da nossa lingua que apesar de tam-  
 bém em consoantes e vogaes consegue atingir em  
 os creosentos e baços da lingua francesa rose que  
 arroud já dizia "--- os franceses, porque mais não podem  
 com a nobre lingua que Deus lhes deu". E Verlaine  
 nada fez melhorar do que "Nix ed nox".

## No jardim da morte

---

À memoria do meu queridissimo Annibal Theophilo

Tudo era branco, de pallor funereo,  
De uma alvura de nacar e marfim.  
— Era silente, como um cemiterio,  
Esse phantastico jardim.

Ao luar, de livor opalescente,  
No silencio tristissimo e profundo,  
Toda a paisagem, tenebrosamente,  
Dava a impressão de um outro mundo.

Pelas algidas áleas solitárias,  
Cheias de immoveis, luridas visões,  
Viam-se immensas filas de araucárias,  
De salgueiros e de chorões.

Era terrível o silencio! Tudo  
Calmo, sem côr, sem brilho, sem matizes.  
E havia no jardim, gelido e mudo,  
Flores de todos os países.

Rosas, violetas, scillas e gloxinias,  
Uma profusa e branca floração  
De magnolias, opuncias e glycinias,  
E hemerocalles do Japão.

Ao perfume dos cravos e verbenas,  
Misturava-se o incenso dos jacinthos,  
Nas alamedas, claras e serenas,  
E de soturnos terebinthos.

Dos cyprestes pendiam as orchideas.  
E, nos canteiros do jardim sem som,  
Em festões floresciam as irideas,  
E os chrysánthemos de Nippon...

Na lisura das limpidas piscinas,  
Em esguias e fuscas pinceladas,  
As sombras espectraes das casuarinas  
Se desenhavam espelhadas.

Nessas paragens ermas e sidereas,  
Espiralavam-se os repuxos no ar,  
Como longas e brancas vallisnerias,  
Desabrochadas ao luar.

Nas ruas, nas clareiras, nos gramados,  
Por todo o parque, os grupos dos amores,  
As estatuas dos grandes namorados,  
Appareciam entre flores...

Entre moitas de acacias e de asperulas  
Dentre silvedos e madresilvaes,  
Ao luar do brancor das madreperolas,  
E de nivores de edelweiss...

Nem o som dos meus passos se escutava.  
E, no horrivel pavor dos pesadelos,  
Como quem fala em sonhos, eu falava,  
Tendo eriçados os cabellos:

— Flor da magua e do sonho, o meu delirio  
Acaso lembrarás certa manhan  
Que te beijei, como se beija um lirio,  
Ó minha Noiva, ó minha Irman?

Pela doçura do teu grato aroma  
Supporto a angustia de viver na terra.  
Meu amor é o crystal de uma redoma,  
Que, ó Rosa Mystica, te encerra.

Si as tristes phrases do meu pobre idyllio  
Ouvir consegues, de onde estás, talvez  
Possas dar-me a ventura, neste exilio,  
De ver-te ao menos uma vez.

E eis que mal terminara a minha prece,  
Quando, deante de mim, ao luar de opala,  
Ella, em veste seraphica, apparece,  
E docemente assim me fala :

— “Neste elysio remanso imaginario,  
Eu te esperava ha muito, sonhador.  
Este é o Jardim da Morte, o millenario  
Jardim dos Poetas e do Amor.”

“Aqui, através de todas as edades,  
Vêm encontrar-se os corações dispersos,  
Recordando os amores e as saudades,  
Ao som dos beijos e dos versos.”

“Á luz da lua, romanesca e pallida,  
Vinda de entre os jasmins e os manacás,  
A eterna voz, inspiradora e calida,  
    Dos namorados ouvirás...”

“Dá-me o teu braço, e á sombra destes ramos,  
Num destes velhos bancos assentados,  
Evoquemos o tempo em que sonhámos,  
    Vendo e escutando os namorados.”

“Ouve”: — Um dia em que liamos a historia  
De Lancillotto, conversando a sós,  
Notei a tua pallidez marmorea,  
    E a commoção da tua voz.

— E, quando o cavalleiro, no reconto,  
Beija a rainha, subito paraste:  
E, em meio da leitura, nesse ponto,  
    Tremulo a bocca me beijaste.

Quando Francesca os seus amores tragicos  
Terminava, Julieta appareceu :  
E eu pude ouvir, sonhando, os versos magicos  
Da serenata de Romeu.

— Espera, meu amor, vem longe a aurora...  
— Devo partir, não tarda a luz do dia...  
— É o rouxinol, Romeu, que ouves agora...  
— Julieta, escuta : é a cotovia.

— Ouve, Romeu : é o cantico fatidico  
Da cotovia annunciando o sol...  
— Não, meu amor, quem canta ao luar fluidico,  
É a doce voz do rouxinol...

Não se sabia, ouvindo aquellas phrases,  
Sentindo aquelles versos odorantes,  
Si o perfume saía dos lilazes,  
Ou das palavras dos amantes...

E elles paravam nas penumbras lividas,  
E nas sombras fundiam-se depois..  
Ou se animavam, como estatuas vividas,  
E iam e vinham, dois a dois.

Os brocados e as sedas dos vestidos,  
Reproduzindo os trajes seculares,  
Eram de niveos e brumaes tecidos,  
E rendas feitas de luares.

E á lua, de uma alvura de camelia,  
Divisavam-se pallidos perfis  
De angelicaes figuras como Ophelia,  
E de noivas como Beatriz.

E era lendario tudo o que se via  
Nessas estancias ermas e secretas!  
Doces paragens de melancolia,  
Reino phantastico dos Poetas!

Eu olhava, num extase beatifico,  
A realidade sobrenatural!  
Como se fôra esse jardim mirifico,  
Uma paisagem musical...

Nisso, aquella que amei na terra, outr'ora,  
Como a ventura nos meus olhos visse,  
Piedosa e pulchra, numa voz sonora,  
Saudosamente assim me disse:

—“Para viver neste jardim romantico,  
É necessario praticar um bem:  
Deixar na terra a musica de um cantico,  
Que purifique a alma de alguém.”

“Basta ás vezes um verso apaixonado  
Para fazer chorar. E o teu amigo  
É aquelle que, ao julgar-se interpretado  
Na tua dor, chorar comtigo.”

(1) Ta  
de p  
bem  
com

“Esse ignorado irmão, talvez teu emulo,  
Chorará de amargura e de prazer,  
Quando sentir, maravilhado e tremulo,  
O amor que assim te fez soffrer.”

“Vae. Volta ao mundo. Faze versos. Pensa  
Que, apesar do amargor da tua sorte,  
Neste jardim, um dia, em recompensa,  
Has de viver depois da morte.”

“Este é o jardim da lenda! o sempre floreo  
Jardim do Amor, que faz do Poeta um Deus!  
E já que a vida é um sonho transitorio,  
Volta de novo ao mundo. Adeus.”

.....

E a imagem della, como um anjo alado,  
Foi-se diluindo no luar... E, absorto,  
Eu tombei sobre a terra desmaiado,

“Tal como cae um corpo morto.”<sup>(1)</sup>

*(1) Tambem H de Campos inspira-se no celebrado verso  
de Dante quando no "Jardim de Ptolomeu". E este no  
título do seu poema sciif, variando algo a Divina  
Comedia: "E eu, despertando a compaixão de Ino,  
saluzava nos braços do meu guia: de."*

Verro prouyo

pg 190

Que o lhar transtorna

5 aillabax

5 sílabas

# INDICE

## Poemas Olympicos

	Pags.
PARTHENON . . . . .	7
APOLLO . . . . .	16
ANADYOMENE . . . . .	18
ORPHEU . . . . .	20
HEPHAISTOS . . . . .	22
DIONYSOS . . . . .	24
PAN . . . . .	26
SEGUNDO PRODICOS DE CÉOS . . . . .	28
BABYLONIA . . . . .	30
ATHENAS . . . . .	32
A VENUS DE PARIS . . . . .	34

## A Natureza e o Sonho

CREPUSCULO . . . . .	39
NA FLORESTA DA ÁGUA NEGRA . . . . .	41
SYMPHONIA . . . . .	57
SALOMÉ . . . . .	60
VICTOR HUGO . . . . .	70

## As Almas e as Estrellas

HARMONIA . . . . .	77
DESHARMONIA . . . . .	79
ULTRA CÆLOS . . . . .	81
VELHAS PAIXÕES, NOVOS AMORES . . . . .	83

## Palavras Românticas

	Pags.
OTHELLO . . . . .	87
PARAISO PERDIDO . . . . .	89
OLHOS, ESPELHO DA ALMA . . . . .	91
BELJOS MORTOS . . . . .	93
BEATRIX . . . . .	95
SOFFRER . . . . .	97
MAIS FORTE DO QUE A MORTE . . . . .	99
TRUTH IS STRANGER THAN FICTION . . . . .	101
INCONTENTADO . . . . .	103
DESENCANTAMENTO . . . . .	105
CANÇÃO DO CAIR DAS FOLHAS . . . . .	107
FASCINAÇÃO . . . . .	115
CANÇÃO DOS CAVALLEIROS DA BELLEZA . . . . .	118
VOLUBILIS . . . . .	123
HYMNO AO AMOR . . . . .	125
SONATA APAIXONADA . . . . .	131
CANÇÃO PERPETUA . . . . .	137
MADRIGAL DE DON JUAN . . . . .	140

## Ao luar, em surdina

CANÇÃO DISCRETA . . . . .	147
SONHO DE UM DIA DE PRIMAVERA . . . . .	149
RELIGIÃO . . . . .	152
LES PARFUMS, LES COULEURS ET LES SONS SE RÉPONDENT . . . . .	154
SIMPLICIDADE . . . . .	157
CANÇÃO DO LUAR, CANTANDO AO SOL . . . . .	161
ROMANCE . . . . .	166
POESIA . . . . .	171
OUVINDO SCHAHRAZADE . . . . .	174
SONHO PARISIENSE . . . . .	176
TRISTEZA DA LUA . . . . .	181
BALLADA DOS SONS VELADOS . . . . .	183
NIX ET NOX . . . . .	185
NO JARDIM DA MORTE . . . . .	192

Pags.

- 87
- 89
- 91
- 93
- 95
- 97
- 99
- 101
- 103
- 105
- 107
- 115
- 118
- 123
- 125
- 131
- 137
- 140
  
- 147
- 149
- 152
- 154
- 157
- 161
- 166
- 171
- 174
- 176
- 181
- 183
- 185
- 192

